

A vida de Santa Imperatriz Porcina

Organização, introdução e notas de

António Bárbolo Alves
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia
e do Ministério da Educação)

FICHA TÉCNICA

Título: *A vida de Santa Imperatriz Porcina*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Março de 2007

ISBN: 978-972-9249-05-1

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

1. Versões existentes no Centro de Estudos António Maria Mourinho

Deste texto encontram-se quatro versões no CEAMM.

Uma, em folhas de papel amarelado, dactilografada, lendo-se na primeira página que se trata de um “auto popular representado tal qual o texto se apresenta, na freguesia da Póvoa – Miranda do Douro, em 1950”. A segunda, também dactilografada, com letras azuis, mas o texto não corresponde, rigorosamente, ao da outra versão. Contudo, pensamos que tratar-se de uma cópia da primeira, ainda que com alguns “erros” de transcrição.

O terceiro exemplar é uma fotocópia da obra de Balthazar Dias, impressa no Porto, na Livraria Portuguesa – Editora de Joaquim Maria da Costa, em 1918 e leva o seguinte título: *Verdadeira História da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Lodonio de Roma na qual se trata de como o dito Imperador mandou matar esta senhora por um testemunho que lhe levantou o irmão do dito Imperador, e como escapou da morte, e dos muitos trabalhos, e fortunas que passou e de como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar o seu estado com mais honra que primeiro.*

A última versão é um “casco, dos únicos existentes no CEAMM, composto por vinte e sete folhas de 35 linhas, com o formato 22x33 cm, manuscritas a duas colunas. No início, acrescentou António Maria Mourinho uma folha, com uma nota manuscrita, assinada e datada de 8/3/91, na qual se pode ler:

“Casco” – Texto da Póvoa, década de 40-50 – *Imperatriz Porcina* ou *Santa Amperatriç* (mirandês). Foi muito representado este auto nas aldeias da Terra de Miranda, o qual pelo seu dramatismo e aliciante enredo chamou sempre a atenção e o interesse dos aldeões em grandes massas assistenciais. Recordo-me de ser representado a primeira vez da minha existência em Atenor, aí por 1927, teria eu 10 anos e fui a pé com meus pais e era muita gente. Depois, na Póvoa, em Genízio, Bemposta, quando (?) a construção da Barragem, e finalmente em 1989, Agosto, em Argoselo, de que fiz três rolos de fotografias a preto e branco do auto mesmo de Bemposta. Já não sei quem me ofereceu este casco, julgo que foi o Sr. Domingos da Póvoa, guarda-fiscal, que o reproduziu por escrito e do qual foi regente na representação desta povoação que se teria representado nas décadas de 40 ou 40.”

O texto reproduzido nesta versão interpretativa segue este “casco”, embora tenhamos colocado, no início, a *Profecia* que aqui se encontra agraçada no final. Devido ao formato das páginas, não nos é possível apresentá-lo na versão digitalizada, tendo optando pelo tamanho A4, que já se encontra dactilografado. Ainda assim, acrescentámos uma página digitalizada deste casco para que o leitor a possa confrontar com a outra versão e também para que tenha acesso a pelo menos uma página deste documento primitivo.

É possível que as duas cópias tenham sido feitas a partir deste texto, porquanto se trata de textos muito semelhantes embora com ligeiros “erros” de transcrição. De qualquer forma a qualidade da ortografia é extraordinária e de muito boa leitura. O papel, com excepção de algumas extremidades das folhas, fruto de terem sido muito manipuladas, também se encontra em bom estado.

2. Origens

O tema da “Imperatriz Porcina”, as suas origens e difusão pela Europa, foi estudado por A. Wallensköld¹. A origem do motivo da “mulher honesta” perseguida pelo cunhado tem, segundo ele, procedência do Oriente, possivelmente na Índia. O motivo da castidade heróica e a sua salvação por intervenção divina é amplamente conhecido em outras narrativas europeias

Os terrores colectivos ao redor do ano mil produziram, por toda a Europa, o aparecimento de toda uma devoção à Virgem Maria, intercessora e defensora dos fiéis. Este culto mariano deu lugar ao aparecimento de um vasto conjunto de obras onde se incluem cantos, hinos, poesias e histórias que relatam os milagres da Virgem com medianeira perante o seu Divino Filho. O conjunto desta literatura apologética é denominado *Miracle de la Vierge* e conserva-se, na sua maioria, na *Bibliothèque Nationale de Paris*.

Câmara Cascudo identifica várias fontes que terão estado na origem deste auto². Mas a que está na origem do texto de Baltazar Dias é, sem dúvida, a lenda popular vinda de França, traduzida para galego e depois para o castelhano dos milagres de Nossa Senhora, intitulada *De l'empereri qui garda sa chastée par moult temptacions, ou de l'empereriz de Rome qui fu chacie de Rome pour son serorge*, da autoria do monge Gautier de Coinci (1177-1236) no seu *Miracles de notre dame*³. Esta narrativa terá também servido de inspiração ao rei Afonso X de Castela (1221-1284), o Sábio, para uma das suas cantigas, a Quinta, em louvor de Nossa Senhora: *Como Santa Maria ajudou a Imperadriç de Roma a sofre-las grandes coitas per que passou*. Este milagre, glosado pelo rei, passado para o galego, deve ter sido popular em toda a Península. No século XVI tinham-se já dissipado as tradições trovadorescas, mas estavam ainda vivos os motivos, esparsos em cantigas, em contos, em relatos orais. Baltazar Dias acrescentou-lhe depois os nomes – Lodónio, Porcina, Albano, Clitâneo, Sofia, Natão – pois estes não se encontram em nenhuma fonte estrangeira.

Para além do tema do milagre da Virgem Maria, outro dos ingredientes deste *colóquio* é a fidelidade feminina. As suas qualidades e virtudes são assim muito maiores do que as de outros heróis. Este elemento é, igualmente, um traço estruturante das narrativas gregas de aventuras, onde o amor é posto à prova em cenários remotos e longínquos. Mas, ao

¹ A. Wallensköld, «Le conte populaire de la femme chaste convoitée par son beau-frère», *Acta Societatis Scient. Fennicae* 34,1, Helsínquia, 1907.

² Luís da Câmara Cascudo, *Cinco livros do povo*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1953, pp. 281-334.

³ Existe uma edição recente de V. Frederic Koenig, Genève, Droz [1966, tomo II e 1961, tomo I] que pode ser consultada on-line em: <http://www.lib.uchicago.edu/efts/ARTFL/projects/TLA>

contrário dos relatos das heroínas gregas, a defesa da castidade e da fidelidade conjugal faz-se não como um valor moral em si, mas em nome da fé cristã. Neste sentido, é a Virgem Maria que aconselha a mulher e o Diabo que comanda os malvados. O primeiro atentado à fidelidade da Imperatriz produz-se quando o seu cunhado, Natão, aproveitando a viagem que o seu marido iniciara à Terra Santa, se apaixona por ela, instigada pela acção diabólica:

LUSBEL
Na manhã imediata
Antes dela se erguer
À cama do seu quarto
Com ela vais ter.

Descobre-lhe teu peito de amor
E quanto por ela tens sofrido
Que te aceite como amante
Que não receie seu marido.

E se por medo do seu marido
Ela não quiser aceitar
Diz-lhe que tu mesmo
O mandarás matar.

O amor é definido como um fogo que o diabo colocou no coração de Natão, fazendo com que este actue de forma pouco razoável, predominando as imagens do amor carnal, construídas sobre a analogia do fogo:

O amor que por vós sinto
Abrasa-me o coração
Oh! Deixai-me meiga flor
Que vos beije a vossa mão.

Vós sois toda a minha vida
Sem vós não posso viver
Se me negais vosso amor
A vossos pés vou morrer.
(...)
Pois sabeis que não resisto
À minha ardente paixão
Riqueza, vida, dou tudo
Pelo vosso coração.

Oh! Bela vinde a meus braços
Gosemos horas de amor
Estala-me o coração
Vergado ao peso de dor.

A história do auto foi também feita por Luiz da Câmara Cascudo num ensaio publicado na Revista *Ocidente*, nº 166, volume XLII, Fevereiro de 1952. No último parágrafo desta breve “História da Imperatriz Porcina” escreve o folclorista brasileiro:

“No norte de Portugal representa-se a SANTA IMPERATRIZ que é Porcina. O rev. Padre António Maria Mourinho, de Duas Igrejas, Miranda do Douro, uma autoridade como estudioso e defensor dos autos e bailados tradicionais em Portugal, informava-me (carta de 18 de Abril de 1950): “A vida da SANTA

IMPERATRIZ, ou IMPERATRIZ PORCINA vai no próximo mês de Maio ao tablado aqui na minha região, numa aldeia chamada Póvoa”.

Esta carta, datada de 28 de Abril de 1950, encontra-se no Arquivo do Dr. António Maria Mourinho. Numa outra missiva, com data de 4 de Fevereiro de 1952, Mourinho transmite a Câmara Cascudo mais algumas informações sobre o auto. Diz, por exemplo, que não pôde assistir à representação da Póvoa, em Maio de 1950, “por ter serviço paroquial premente nesse dia”. Mas enviou-lhe uma cópia do dito auto, “tal qual aqui se representou”, “em Atenor”, “haverá 27 ou 28 anos”.

3. Representações

Segundo informa Valdemar Gonçalves o “*Auto da Vida de Santa Imperatriz Porcina* ou *História da Imperatriz Porcina*”, foi representado em Atenor, em 1929, em Cicouro por volta de 1934 e na Póvoa em Maio de 1950⁴.

Estes dados conferem, *grosso modo*, com as informações de António Maria Mourinho que, como vimos, diz que este Auto subiu ao palco em Atenor, “aí por 1927”, acrescentando que também foi representado em Génisio, em data desconhecida, na Póvoa, na referida representação de Maio de 1950, e que não foi a última, como diz Valdemar Gonçalves. Com efeito, ele seria ainda representado em Bemposta (concelho de Mogadouro), em 1963, como o documentam algumas das fotos existentes no CEAMM (de que aqui deixamos uma reprodução). Foi finalmente representado em Argoselo (concelho de Vimioso), em Agosto de 1989.

⁴ Valdemar Gonçalves, *Teatro Popular Mirandês*, Lisboa, Instituto de Desenvolvimento Social, 2002, pp. 37-38.

A vida de Santa Imperatriz Porcina

Auto Popular

**Representado tal qual o texto se apresenta
na freguesia da Póvoa Miranda do Douro**

em

1950

1ª Profecia

A vós, honrado e nobilíssimo auditório
Para bem de todos, um favor vos vou pedir
Que nos presteis a vossa respeitosa atenção
Enquanto durar o acto a que ides assistir.

2ª

Vou resumidamente explicar-vos
a interessante obra que vamos representar
que vem a ser a vida de Imperatriz Porcina
a qual todos devemos imitar.

3ª

Havia na cidade de Roma
um famoso e rico Imperador
casado com a filha do rei da Hungria
a quem amava com ingente amor.

4ª

Amavam-se com tanto amor
com respeito tão profundo
que ate diziam os romanos
que não havia outro no mundo.

5ª

Tanto Lodónio como Porcina
tinham tanto amor pela caridade
que diariamente distribuíam esmolas
pelos Pobres daquela cidade.

6ª

Mas aquela santa vida
pouco tempo lhe durou
porque o infernal dragão
contra eles se revoltou.

7ª

Para melhor entenderdes vos vou explicar
das figuras as suas saídas primeiro
depois de mim virá Lusbel o traiçoeiro
queixando-se do seu lastimoso penar.

8ª

Tem muita inveja por tão santa vida
levar Porcina e o imperador
vai para o inferno todo cheio de dor
aparecendo o gracioso logo em seguida.

9ª

Virá dizendo que não acreditem em Lusbel
que tudo quanto diz é para nossa perdição
vai-se este e vem Porcina e o Imperador
tratando do governo da sua nação.

10ª

Tinha o Imperador prometido uma promessa
de ir a Jerusalém um ano inteiro passar
e na lousa que cobriu o sepulcro de Cristo
com muita atenção todos os dias orar.

11ª

Antes de partir Lodónio para Jerusalém
com muita confiança entregou Porcina a seu
irmão
para enquanto ele ausente, eles governassem
a sua populosíssima nação.

12ª

Nisto o Imperador partirá para Jerusalém
deixando sua esposa magoada de dor
fugindo também o falsíssimo Albano
por seu irmão Lodónio ter muito amor.

13ª

Albano desde há muito sentia
por Porcina mui viva acerba paixão
mas este silêncio guardava em si
como medo que tinha de Lodónio seu irmão.

14ª

Nisto aparece Lusbel disfarçadamente
perguntando-lhe porque tinha tanta paixão
ele iludido lhe contará toda a verdade
Lusbel aconselha que mate seu irmão.

15ª

Logo na manhã imediata Albano
no quarto de porcina tomou ousadia de entrar
dizendo-lhe se queria casar com ele
seu próprio irmão ele ia matar.

16ª

Porcina cheia de susto toda atrapalhada
sem quási poder articular palavra
com altivez o repeliu dali para fora
dizendo-lhe que por suas aias e soldados chamava.

17ª

Albano vendo-se assim perdido
do quarto da cunhada se retirou
pedindo ao seu *pagem* que o auxiliasse
mas este *pagem* fiel tudo a Porcina lhe contou.

18ª

Porcina por este *pagem* manda chamar a guarda
para levar seu cunhado à escura prisão
aparecendo o gracioso, todo contente
fazendo de Albano grande mangação.

19ª

Nesta cena aparecerá Lusbel ao gracioso
deixando-o em tal susto que nem pode falar

Nossa Senhora lhe aparece sorridente
para das garras do dragão o vir salvar.

20^a

Terminado o tempo da romaria Lodónio
por um correio uma carta a sua esposa mandou
para que o esperasse antes do oitavo dia
Porcina muito contente logo o seu cunhado soltou.

21^a

Albano cheio de luto por afronta
ao encontro de Lodónio se apresentou
e tudo quanto ele havia feito
em sentido inverso a seu irmão contou.

22^a

Ao ouvir tão selvagem embaixada, Lodónio
sem mais do caso se informar
por seus criados mandou levar Porcina à montanha
e ali viva a inocente sepultar.

23^a

Aqueles malvados querem abusar de Porcina
ela sucumbida de dor começa a gritar
o Conde clitano e seus soldados darão a morte
a estes verdugos, que Porcina queriam matar.

24^a

Com esta senhora partira o conde
para o seu magnífico palácio a levará
Dona Sofia sua querida esposa
com muito gosto a receberá.

25^a

Com isto dou fim à primeira parte
depois principiar-se-á a representação
virei logo na outra saída dar
da segunda e última parte explicação.

Segunda Parte

Como na primeira parte não conclui
a explicação da obra a sua arte
venho novamente pedir a vossa atenção
para verdes e ouvirdes tudo quanto pertence à 2^a
parte.

2^a

Vereis Tratão, irmão do conde Clitano
sofrer por porcina muita paixão
empregará toda a sua força brusca¹
para conquistar dela o seu coração.

3^a

Vendo que ela não cedia o seu amor

¹ Esta palavra aparece riscada.

contra ela tentou vingança
aparecer-lhe-á neste momento
fingindo partilhar da sua grande dor.

4^a

Lusbel lhe diz que há-de matar seu sobrinho
para assim de Porcina se vingar
ele faz o que Lusbel lhe manda
e à câmara de Porcina seu sobrinho vai matar.

5^a

Aquela infeliz acorda de noite
inssopada em sangue que da criança vereis correr
em altos gritos chama pelo conde e D. Sofia
para que tão horrendo quadro eles viessem ver.

6^a

O falso Tratão convencerá o conde
que só Porcina tal crime podia fazer
mas D. Sofia que conhecia a sua inocência
não acredita no que o seu cunhado estava a dizer.

7^a

Vereis a pobre inocente Imperatriz
logo ali pelo conde ser condenada²
e num navio de vela mais tarde
na ilha de Calavria ser desterrada.

8^a

Contemplemos a inocente Imperatriz
naquele lugar em que só feras havia
mas as feras não lhe aparecem
porque Nossa Senhora a defendia.

9^a

Ela cheia de lágrimas vereis lançar
dizendo-lhe Nossa Senhora que depressa dali
sairia
e que um ramo daquelas ervas faria
com o qual todas as doenças havia de curar.

10^a

Nesta cena vereis aparecer o gracioso
que a Imperatriz está sempre chorando
também vereis no mar aparecer um navio
e nele os marinheiros alegres cantando.

11^a

Vendo Porcina no mar o navio
pelos marinheiros começara a gritar
eles a toda a pressa dão aos remos
para aquela senhora³ irem resgatar.

² Palavra corrigida onde antes se lia “desterrada”.

³ Palavra acrescentada, aparecendo riscada a forma
“alma”.

12^a

Ao capitão da marinha vereis perguntar-lhe quem para aquela ilha a havia desterrado e ela responder-lhe banhada em lágrimas que dum navio que naufragou havia escapado.

13^a

Nisto vereis o bondoso capitão de marinha como esta infeliz em seu navio há-de recolher e chegando ao porto de desembarque vereis a passear D. Alberto e pousada lhe oferece.

14^a

D. Alberto tinha sua mulher muito doente já desenganada de todos os sábios de *medecina* e vereis como milagrosamente há-de ser curada pela Imperatriz Porcina.

15^a

Também vereis pedindo esmola um cego acompanhado de Faustino, seu criado, e também em casa de D. Alberto pela Imperatriz há-de ser curado.

16^a

Haveis de ver Natão no leito de dor grandes dores cruciantes suportar sua família o levou a casa de D. Alberto pedindo muito a Porcina que o queira curar.

17^a

Porcina conhecendo a Natão disse-lhe que de maneira alguma o podia curar sem primeiro, em voz alta, perante todos seus gravíssimos pecados confessar.

18^a

Ele que recusar tal sacrifício e todo aterrado pede perdão a seu irmão o Conde e a condessa o perdoam porque não sabiam de tão grande traição.

19^a

Seu cunhado Albano, também Deus se servira para seus pecados castigar e cheio de dores no leito o vereis já moribundo quási a expirar.

20^o

Das curas maravilhosas de Porcina tinha Lodónio verdadeira informação e por seu *pagem* manda chamar Porcina para que vá ao Palácio curar seu irmão.

21^a

Acompanhada de muitos entrará Porcina no grandioso palácio do Imperador

já de ninguém ali será reconhecida nem mesmo até de Lodónio, seu senhor.

22^a

Vereis como Porcina fez confessar a Albano ainda antes da sua doença curar dizendo-lhe que se recusava, morria instantaneamente ele que tanto amava a vida, teve logo que a aceitar.

23^a

Visto Porcina não pode encobrir mais descobriu tudo a seu marido e senhor Lodónio abraça com muitas lágrimas jurando-lhe para sempre eterno amor.

24^a

Com isto dou fim à minha *professia* pedindo-vos dos meus erros perdão e neste momento a todos, muita saúde e alegria e que Deus nos dê a eterna salvação.

Sai Lusbel e diz:

Eu fui a primeira luz bela
Criada pelas mãos de Deus,
Fui o primeiro a possuir
O reino dos altos céus!...

Quis formar meu trono
Acima de todos os céus
Queria ser superior
E mandar no próprio Deus?

Tentei, mas foi em vão
Tão maligna e torpe *idea*
Foi esta minha desgraça
Porque tanto Jesus me odeia!

Por isto Deus e Miguel
Com bastante Justiça e razão
Me lançaram no *iterno* abismo
Na mais *orrenda* escuridão.

Grande foi a minha soberba
Grande pecado maldito
Que de anjo me voltou
A um maligno espírito!!!

A que mísero estado
A minha graça se voltou!...
Condenando-a a arder em chamas,
Assim Deus me castigou!

Ai de mim! Ai de mim!
Sempre a sofrer *iternamente*
O meu leito são chamadas
Que devoram constantemente.

Mas Deus deu-me o poder!...
Das almas vir tentar,
Eu assim o farei
Para disto me vingar!!!

Tentarei ricos e pobres,
Com rainha audaz resolução
Que destas minhas garras
Poucos se me escaparão.

Aos ministros da justiça
Por não cumprir seus regulamentos
Tenho para eles no inferno
Mui grandes e magníficos aposentos.

Aos soberbos e avarentos
Luxuriosos e amantes
Para eles tenho no inferno
Regalos muito constantes!...

Lavradores por mudarem marcos
Negociantes por roubar
Magistrados e funcionários
Nenhuns se me haveis de escapar.

Finalmente hei-de tentar
Todos os que no mundo estão:
Para serdes meus companheiros
Na escura solidão.

Tenho comigo grande pena
Que me dá grande inquietação
Por levar tão santa vida
Ao imperador desta nação.

Tanto ele como a Imperatriz
Amam a Deus sem igual
Com o exemplo que estão dando
Me causam bastante mal.

Mas hei-de vingar-me deles
Com suas delícias hei-de acabar
Que o bem que eles se querem
Em ódio se há-de voltar.

Já me vou a preparar
Com minhas redes e laços
Vereis naquela família
os mais tremendos embaraços.

Vai-se. Sai o Gracioso e diz:

Oh que grande asneirão
Acabasteis de escutar
Não vistes que era o demónio
Que vinha para vos tentar?

Acreditai nele e vereis
A Iã que ides tirar
Ele só queria a vossa alma
Para o inferno a levar.

Mas não há-de ser a minha...
Que ele há-de apanhar
A minha deu-ma Deus
E a Deus a hei-de entregar.

Nunca acrediteis no diabo
Naquele fanfarrão velho
Olhai que não está mui tonto
Quem vos dá este conselho.

*Vai-se. As aias estão no Palácio. Sai ao balcão o
Impreador e a Imperatriz, e diz o IMPERADOR*

Minha esposa *idulatrada*
Por quem tanto estremecia
Minha bela e linda flor
Filha do Rei de Hungria!...

O senhor nos há abençoado
Nossa santa união
Somos duas almas ligadas
Num só coração.

Porcina tens empregado
Mil obras de caridade
Em esmolas distribuídas
Pelas ruas da cidade.

Órfãos, velhos e viúvas
A todos tendes socorrido
O bem que tendes feito
Por todo o mundo é sabido.

Um anjo de caridade
De todo o povo sois chamada
Na cidade de Roma
Sois de todos estimada.

Do nosso consórcio dois anos
Já Senhora *ã*o passado
E ainda o senhor Deus
Um herdeiro não nos há dado.

Porém eu estou contente
Com esta nossa sorte
Vós governareis a nação
Se a mim me levar a morte.

IMPERATRIZ

Ai de mim! o que seria!
Se a morte vos roubasse
Antes queria que o Senhor
A ambos nos levasse.

IMPERADOR

Bem sabeis que tenho feito
Uma promessa ao Senhor
Pois sabeis que as leis de Cristo
Adoro com fervor...

A Jerusalém irei
Um ano inteiro passar
Para ver a terra santa
E sobre o sepulcro orar.

Este é o meu desejo
Que levo no meu coração
Percorrer a Terra Santa
E fazer nela oração.

IMPERATRIZ

Ai de mim o que será!
Sem a vossa companhia
Com a vossa ausência senhor
Não volto a ter alegria.

Desmaia e chora, ficando dez minutos nos braços do marido.

IMPERADOR

Minha amada companheira
Minha doce companhia
Lume dos meus claros olhos
Espelho em que me via.

Porque estás assim chorosa,
Com tão sobeja agonia
Porque de ver-vos assim
Minha alma me saía.

Mas se vós quereis senhora
Deixarei a romaria
Mandarei outrem por mim
Pois escusada será esta vida.

IMPERATRIZ

Junto de mim caro esposo!
Eu sempre vos queria ver
Vós sois a luz dos meus olhos
A vida do meu viver!...

Mas por outrem não deveis
Vossa promessa cumprir
Embora morra de dor

Eu vos animo a partir.

IMPERADOR

Obrigado, minha senhora
Minha fiel companheira
E crede, longe de vós
Estarei à vossa beira...

Porque vossa querida imagem
No coração levarei
E quer de dia ou de noite
Somente em vós pensarei.

Deu-lhe um abraço e retirou a vestir-se de luto e bem depois, acompanhado de Albano a dizer-lhe adeus e diz o IMPERADOR:

Adeus adorada esposa
Alegria do meu lar
Quero antes de partir
Vossas lindas mãos beijar.

Vós senhora juntamente
Com Albano meu irmão
Ficareis em minha ausência
No governo da nação.

Da regência todo o Povo
Foi por mim avisado
Nada temais ao império
Está calmo e sossegado.

Roma inteira vos conhece
E sabe o vosso valor
E por vós enquanto ausente
Eu rogarei ao Senhor.

IMPERATRIZ *chorando, diz:*

Dai-me cá os vossos braços
Esposo da minha vida
O Senhor e a Virgem Santa
Vão em vossa companhia.

Fica chorando em cima de uma mesa e o marido vai-se acompanhado de seu irmão. Diz a 1ª AIA:

Não desanimeis senhora
Dê alívio ao seu coração
Seu marido há-de voltar
Façamos por ele oração.

2ª AIA

Tenha fé em Deus
E na virgem Maria
Que há-de voltar satisfeito
Da sua romaria.

Sai o Gracioso e diz:

Dá-me pena da Imperatriz
Já pode ir cheia de chorar
Se não muda de conversa
Pouco poderá durar.

Ela ficou entregue
A seu cunhado Albano
Ainda lhe fora melhor
Ficar entregue a um cigano.

Porque ela é muito bonita
E há-de querer namorar
Ele ainda é pior que o diabo
Nele não há-de confiar.

Vai-se. Sai Albano ardendo em ciúme e diz:

Por Porcina eu sinto
Mui *abserva*⁴ paixão
Mas este silêncio tenho guardado
Com medo de meu irmão.

Por vezes tenho pensado
No meio de atrair
Para de minha cunhada
A gentileza fruir.

Mas se isto sabe meu irmão
Apegar de muito bondoso
Lhe pagarei a traição
Com castigo rigoroso.

Aparece o Diabo a disfarçar e diz:

Parece que o meu amigo está
Metido em grande aflição
Diga-me o que lhe passa
Dentro do seu coração.

Albano diz:

Quem sois vós, honrado cavalheiro?

LUSBEL
Sou o homem de mais fama
Que há no mundo inteiro.

Vivo em todo o mundo
Estou em todo o lugar
Dou alívio a todos
Que por mim queiram chamar.

Se precisas algum favor
Aqui me tens a teu lado
Quem comigo se aconselha
Sempre fica consolado.

ALBANO
Por minha cunhada imperatriz
Tenho mui grande amor
É este o segredo oculto
Da minha tão grande dor.

Tenho dito para comigo
Porcina minha será
Ou por bem ou por mal
Seu coração me dará.

Mas este segredo comigo
Nunca a ninguém revelei
Diga-me o meu bom amigo
O que eu disto farei.

LUSBEL
Na manhã imediata
Antes dela se erguer
À cama do seu quarto
Com ela vais ter.

Descobre-lhe teu peito de amor
E quanto por ela tens sofrido
Que te aceite como amante
Que não receie seu marido.

E se por medo do seu marido
Ela não quiser aceitar
Diz-lhe que tu mesmo
O mandarás matar.

ALBANO
Assim o farei em seguida
Não me parece mau conselho.

LUSBEL
Faz como te digo
Que sou amigo velho

Vai-se Albano.

LUSBEL
Ficou todo fiado e contente
Cheio de ciúmes seu coração
Parece mesmo ter sedas
Esse grande figurão.

Esse certo o tenho eu
Decerto não se me há -de escapar
Só me resta em seguida

⁴ Em outra versão dactilografada lê-se “observa”.
Contudo, a forma *correcta* deverá ser “acesa”.

Com sua vida acabar.

Música. Pouco tempo. Vai-se a sai Albano, olha o relógio e diz:

São dez horas da manhã
Com minha cunhada vou ter
Entrarei no seu quarto
Antes dela se erguer.

Entra no quarto.

Imperatriz, permita -me
Que venha ao vosso aposento
A sua atenção lhe peço
Apenas por um momento.

Porcina levanta-se, meio despida, embrulhada em um roupão de seda sem lhe poder falar, ficando assentada em cima da cama e ele continua.

Escutai senhora minha
O que vos quero dizer
Há um ano que por vós sinto
O meu coração sofrer.

Seu marido está longe
Não nos pode perseguir
Deixai-me nobre senhora
Os vossos *gosos* fruir.

O amor que por vós sinto
Abrasa-me o coração
Oh! Deixai-me meiga flor
Que vos beije a vossa mão.

Vós sois toda a minha vida
Sem vós não posso viver
Se me negais vosso amor
A vossos pés vou morrer.

Não tendes receio algum
Podeis estar descansada
Ninguém virá surpreender-nos
Meiga pomba, linda fada.

Se quiserdes meu irmão
Sem remorsos o matarei
E só por vosso amor
Noite e dia viverei.

Pois sabeis que não resisto
À minha ardente paixão
Riqueza, vida, dou tudo
Pelo vosso coração.

Oh! Bela vinde a meus braços

Gosemos horas de amor
Estala-me o coração
Vergado ao peso de dor.

Então a Imperatriz levanta-se, descalça, a chorar e diz com ira:

PORCINA
Atrevido e louco senhor
Sai daqui sem demora
Não mais olhe para mim
Depressa! Depressa embora

De contrário gritarei
E mandá-lo-ei prender
Até que meu esposo não chegue
Não mais me volte aparecer.

ALBANO
Não me trateis assim senhora
Vossa ira quereis dominar
De Joelhos a vossos pés
Me deito a chorar.

IMPERATRIZ
Senhor, nem mais um segundo
Cumpra as ordens que lhe dei
Que pelas aias e guardas
Em seguida gritarei.

Vai-se Albano, ficando com isto a Imperatriz no seu quarto, muito triste. Sai Gracioso e diz:

No palácio do Imperador
Parece que já não reina alegria
Algumas das suas arranjou já
Lá esse tal *mascarrilha*.

Só me custa pela Imperatriz
Que é uma santa mulher
Se fosse cá comigo
Logo o mandava prender.

Música. Sai Albano e o pagem e diz Albano:

Contigo conto meu *pagem*
Para me fazeres um favor
Sabes que sinto em meu peito
Por Porcina muito amor.

E resolvi pela força
Seu coração conquistar
Pois não há pela brandura
Meio de a dominar.

Esta noite a horas mortas
Pelo seu quarto entraremos

Para nós dois ela é fraca
E por certo a venceremos.

Poderei contar contigo
Nesta conquista amorosa
Minha bolsa te abrirá
A minha mão generosa.

Seguro da tua força
Pagem vou-me deitar
Não dormi esta noite
Preciso de repousar.

PAGEM
Que tenha perdido sonhos
Nisso creio muito bem
Que os perde quem não tem remorsos
Que fará quem tantos tem!

Mas podeis ir descansado
E dormir muito devagar
Que a horas certas
Eu vos irei chamar.

Vai-se Albano. O pagem vai contar tudo à Imperatriz. Sai a dizer o pagem:

Venho aqui senhora
Pagem e homem honrado
Procurando V.Ex^a
Muito triste e agitado.

Minha boa e leal senhora
Um perigo vos ameaça
Ou mandais prender Albano
Ou sofreis cruel desgraça.

Vosso cunhado Albano
Pergunta vossa perdição
Com malditos ciúmes
Que encerra em seu coração.

IMPERATRIZ
Obrigado leal *pagem*
Pela sua prevenção
Guardai esta bolsa de ouro
Só para recordação.

PAGEM
Sua bolsa não a quero
Nunca fui vil interesseiro
É a vós a quem estimo
E não o vosso dinheiro.

IMPERATRIZ
Tens um nobre coração
Dotado de fidalguia

Que excede aos que descendem
Da mais alta *gerarquia*.

Vai já chamar a guarda
Preciso de lhe falar
A prisão de meu cunhado
Devo-lha já ordenar.

Vai-se a Imperatriz. O pagem vai falar com a guarda. O capitão, assim que avistou o pagem, diz:

CAPITÃO
Escola! Sentido! Ombro! Armas!⁵

PAGEM
Venho cumprir novas ordens
Da nobilíssima imperatriz
Para o senhor ir ao palácio
Escutar o que ela lhe diz

CAPITÃO
Grande gosto faço eu
Em cumprir seu mandado
Vou já sem demora
Escutar o seu recado.

Capitão, para os soldados descansar⁶.

E vós soldados ficais
Em vossos postos de prevenção
Cumprir estas ordens
Que vos dá o vosso capitão.

Diz o soldado nº19

Cumprindo as ordens de V.Senhoria
Nós aqui ficaremos
Se de nós precisar
Chame-nos que logo iremos.

SOLDADO Nº21
Pode ir meu capitão
Nosso *pagem* acompanhar
Nós cumprimos tudo
O que V.Senhoria mandar.

Soldados ficam, o capitão e o pagem vão à presença da Imperatriz e diz o capitão:

Aqui me apresento leal senhora

⁵ Numa nota a lápis, das muitas seguramente colocadas por algum regrador, foi acrescentado: “Descansar, armas!”

⁶ Esta é uma nota que também se encontra a lápis. Nas versões dactilografada a forma “descansar” aparece como uma voz do capitão e não como uma informação.

Cumprindo a vossa embaixada
Cumprirei a vossa missão
Como ela me for dada.

IMPERATRIZ

Ao quarto de meu cunhado
Vá com sua força correr
E sem perda de um momento
Na prisão o vão meter.

Em nome de meu marido
Esta ordem vos é dada
Ficando Albano preso
E a sua prisão guardada.

O capitão faz-lhe a continência e vai dar ordens aos soldados e diz:

As ordens de Porcina
Sem demora vamos cumprir
Para a torre do castelo
Albano vamos conduzir.

Diz para os soldados:

Sentido! Ombros! Armas!
Ordinário, marche!
À direita, rodar.

Ao chegar à porta manda fazer alto, bate à porta e ele sai cá fora do quarto sem saber do que se tratava. E diz Albano:

Que novas traz meu capitão
Para vir assim tão armado
Parece que o seu aspecto
Encontro muito *demudado*⁷.

CAPITÃO

Muito mais será espanto
Do que lhe eu vou a dizer
A nova que aqui me trás
É para já o prender.

A Imperatriz assim o manda
Tenho de cumprir minha missão
No meio de meus soldados
Vos levarei à prisão

Metem-no no meio e levam-no à prisão e entregam as chaves ao soldado nº19.

CAPITÃO

⁷ *Demudado* é a forma mirandesa do participio passado do verbo *demudar*.

Aqui tens meu soldado
As chaves desta prisão
Tomas a bom recado
Não as largues da mão.

Vigiai ambos a fortaleza
E não vos deixeis iludir
Por alguém que aqui venha
E o preso possa fugir.

SOLDADO Nº 19
Como mandais capitão
Vossas ordens cumprimos

SOLDADO Nº21
As grades desta prisão
noite e dia vigiaremos.

Música. Vai-se o capitão.

GRACIOSO

Estás aí! Albano!
Querias embrulhar as pernas
Com tão formosa dama
Coche! atrás meu safardana
Olha como estás a pagar
A tua grande traição
Assim é que tu honravas
As barbas a teu irmão?

Leve o diabo tua façanha
E esse teu modo de pensar
Para casar com tua cunhada
Querias teu irmão matar?

A culpa foi tua
E do diabo que te tentou
Fizeras-lhe o sinal da cruz
Que eu já fazê-lo vou.

Sai Lusbel que mal o deixa persignar com o susto e treme que nem varas verdes e diz LUSBEL.

Anda cá meu amigo
Agora estás agarrado
Conspirador da minha lei
Anda! Anda, desgraçado.

Atrapalhado faz que se persigna e diz:

Valha-me Nossa Senhora!

Esta aparece de repente e o diabo cai por terra.

NOSSA SENHORA

Vai-te infernal dragão
Vai-te fera infernal
Vai-te ao profundo abismo

Pagar teu grande mal.

Põe-lhe o pé na cabeça e continua

Deixa este pobre de espírito
Este bem-aventurado
Que já para ele no céu
Há lugar reservado.

Levanta-se o diabo e diz LUSBEL:
Desde que fui expulso do céu
Guerra alguma me atormentou
Como esta mulher agora
Que a seus pés me calcou.

*Vai-se. Diz Nossa Senhora para o Gracioso que
treme ainda:*

N. SENHORA
Sossega filho, teu coração
Fica em paz e alegria;
E em recompensa me rezarás
Diariamente uma *Avemaria*.

Vai-se.

GRACIOSO
Quem seria esta mulher
Que me veio defender
Das garras do dragão
Que me queria comer!

*Recolhem-se todos, sai o correio, toca a buzina, vai
ao Imperador e diz:*

CORREIO
Alto Rei e Imperador
A vós me apresento com urgência
Trazendo a vossas mãos
Toda esta correspondência.

Tira a correspondência e entrega.

IMPERADOR
Obrigado bom correio
És um belo cumpridor
Pelo teu bom serviço
És digno de louvor.

À senhora Imperatriz
Esta carta vais levar
Para que ela saiba o dia
Em que me há-de esperar.

Vai levar a correspondência à Imperatriz.

CORREIO

A V. Ex^a Senhora
Me apresento com amor
Trazendo às Vossas mãos
Esta carta do Imperador.

Que lhe traga boas novas
É quanto lhe desejo neste dia
E que receba seu senhor
Com saúde e alegria.

*Ele faz que se vai e ela pega nele dizendo a uma
aia o seguinte:*

IMPERATRIZ
Traz a minha bolsa de ouro
Quero dar uma gratificação
Neste dia ao correio
Para dele ter recordação.

*Vai-se o correio todo contente e conta o dinheiro
ao fundo da escada.*

CORREIO
Vou contar o dinheiro
Que esta senhora me deu
São trinta escudos em prata
Chegam bem para um chapéu.

Vai-se. Sai ao balcão a Imperatriz e diz:

IMPERATRIZ
(Lê a carta)
Jerusalém, 25 de Maio de 1950
Minha *estremosíssima* Imperatriz
Esta lhe escrevo com toda a alegria, para lhe dizer
senhora, que antes do oitavo dia me espere a boa
hora e leia-se publicamente para se fazer constar
na cidade de Roma seu Imperador vai entrar .
D. Imperador da Nação
Lodónio Augusto Teles.

*A Imperatriz vai à prisão, acompanhada do
pagem e das aias e solta o cunhado entregando-
lhe o vestido.*

IMPERATRIZ
Senhor de tudo lhe perdoo
De todo o meu coração
Constante que se arrependa
Da sua infame acção.

Meu fiel e querido esposo
Nada por mim saberá
Por tanto com alegria
Ao seu encontro irá.

Recebei o Imperador

Com toda a alegria⁸
E levareis um vestido
De ouro e de argenteria
Que está feito para vós
E é de toda a valia.

Vai-se a Imperatriz tirando-o da prisão e ele por vingança não aceita o vestido, isto é, não o levou vestido. Vai vestir-se de luto.

Sai o Gracioso acabalo num burro de pau, bem aparelhado, e vai ao palácio da Imperatriz dizendo.

Recebi um telegrama
Desses que andam pelo ar
Dizendo-me que seu marido
Breve vinha a regressar
Foi este o motivo
De eu aqui me apresentar.

De boa brota fina
Chapéu de abre fileiras
Bom casacão de *beludo*
Boas correntes nas algibeiras

Riem-se as Aias.

Dá-vos a *risa*⁹! é para mangar!
Já pensais que vos quero
Para comigo casar?

Eu venho oferecer meus serviços
À senhora Imperatriz
A vós nada vos importa
Calai lá esse nariz.

Oh! Minha senhora precisa do meu burro
Que o trago aparelhado ó tim! tim!
Talvez vossa senhoria e tu
Nunca visses outro assim.

É o melhor que há no mundo
Ontem eu e ele montados
Andamos duas léguas por segundo.

1ºAIA
Ó! Minha senhora
Parece que sofre da bola!

IMPERATRIZ
É pobre de espírito
Traz-lhe cá uma esmola.

Dá a esmola. Ele apara no chapéu e sai escada abaixo e conta o dinheiro ao fundo.

GRACIOSO

Nosso senhor Ihe pague esta esmola!
Mil anjos te acompanhem noite e dia
Nossa Senhora te dê saúde
Muita paz e alegria

Sai Albano e segue à espera do irmão. Ao mesmo tempo sai também o Imperador, criados Itelvino, Marcelino e médico. Vão seguindo devagar.

Lá vai à espera do imperador
Aquele *perro endeabrado*
Ele é bem capaz de Ihe contar
O que ele fez tudo trocado.

E se o Imperador acreditar
Bem terá que sofrer
Neste vale de lágrimas
Aquele santa mulher.

Vai -se falando com o burro. Encontra-se Albano e o irmão.

ALBANO

Todo coberto de luto
Vos venho irmão esperar
Parai ! Senhor um instante
Pois tenho que vos falar.

IMPERADOR

Fala depressa irmão meu!
Pois estou cheio de dor.
Está doente ou morreu
A mulher do Imperador?

ALBANO

Não! Senhor, porem é dela
Que venho para vos falar
Vossa honra imperial
Ela acaba de calcar.

Depois da vossa partida
No meu quarto logo entrou
E a trair o vosso amor
Comigo ela tentou!

Repeli-a bruscamente
Porém ela me sorria
E até ousou dizer-me
Que por mim vos mataria!

Vendo que eu recusava
O seu *refalso* amor
Numa torre me prendeu

⁸ Antes de “alegria” aparece, riscada, a palavra “cavalaria”.

⁹ Forma mirandesa: português, *riso*.

Como sendo um traidor.

Lodónio ficando desfalecido que caiu com um desmaio, tornando a si disse o médico:

MÉDICO

Que foi isto que passou
Ao nosso grande Imperador
Sem dúvida foi alegria
Que se lhe converteu em dor.

Deixai-me chegar a ele
Para o *oscular*
Aplicar-lhe algum remédio
Que ele possa precisar

Toma-lhe o pulso.

O pulso está certo
Aqui não há que duvidar
Isto foi um grande excesso
Que breve lhe vai passar.

Tornando a si diz.

IMPERADOR

Oh! Que embaixada tão triste!
Foi esta, meu irmão,
O meu coração me está pedindo
Raiva, ódio e *vingança*.

Ide vós meus criados (*chamando por eles*):

Antes que nasça o dia
Dar a morte à Imperatriz
Que ela bem a merecia.

Numa floresta cerrada
Enterrai-a mesmo vestida
E para maior afronta
Enterrai-a mesmo viva.

E se isto não fizerdes
Como eu vos mandei
Tende muito por certo
Que a morte vos darei.

ITELVINO

Tende muito por certo
Que assim o faremos.

MARCELINO

Com toda a rigurosidade
Assim o cumprimos.

Vão ao palácio pela calada da noite chegam e diz:

ITELVINO

Vimos aqui senhora
Para esta noite vos levar
A uma deserta montanha
E nela vos sepultar.

MARCELINO

Não se pode escusar senhora
Vosso esposo assim o mandou
Para castigar a desonra
Que o vosso amor lhe causou.

Metem-na no meio e ela fica amortecida.

IMPERATRIZ

Encomendo a Deus minha alma
E à virgem Santa Maria
Que me criou de nada
Com sua bondade pia.

Lembraí-vos senhora de mim
Que sem culpa vou morrer
Não olheis os meus pecados
Que tantos devo ter.

Eu *perdo-o* o meu cunhado
Todo o mal que me fazia
E também a meu marido
Que tão enganado vivia.

Levam-na e diz uma aia

1ª AIA

Adeus pomba branca
Adeus rosa encarnada
Adeus cordeiro inocente
Que sem culpa vais desterrada.

2ª AIA

Adeus amada senhora
Adeus luz do meu viver
Adeus mãe dos pobres
Que não vos torno a ver
Adeus! Adeus! Adeus!

Levam-na ao monte e neste tempo vem o Imperador para o palácio, quando já no monte

ITELVINO

Mal empregado seria
A morte a esta senhora
Pois que tem tanta valia
Gosemos dela primeiro
Antes que a coma a terra fria.

MARCELINO

Também sou do mesmo parecer
Seus *gosos* devemos usufruir

Empregaremos nossas força
Se ela *quizer revestir* [resistir].

IMPERATRIZ

Fazei o que vos mandaram
Não cureis de fantasia
Deixai a minha limpeza
Para que a merecia
Que se tocásseis em mim
A vida vos custaria.

Deitam-se a ela, fazem que a despem e ela diz:

IMPERATRIZ

Valha-me Nossa Senhora!

*Aparece o Conde Clitano, irmão de Natão e o
pagem.*

CONDE

Quem sois formosa senhora
A quem eu venho acudir
É noite e sem receio
Podeis connosco vir.

Matemos estes malvados
Mostremos nossa *visarria*
Acuda-mos a esta senhora
Que ela bem o merecia
Sejam todos mortos
Antes do claro dia.

*Diz para os companheiros, dispara dois tiros e eles
morrem*

Vós sois de alta linhagem
Isto eu o juraria
Se vos me dizeis quem sois
Grande prazer teria.

Quem vos trouxe a este lugar
Com tão falsa companhia
Dizei-me toda a verdade
Sem cuidar em mais porfia.

IMPERATRIZ

Sou uma mal afortunada
Que não sei porque nascia
Por um falso testemunho
Perdi toda a minha valia.

Não vos posso mais dizer
Porque escusado seria
Se não querer-vos rogar
Por Deus e Santa Maria
Me queirais levar *com vosco*
O que não merecia

Servi vos hei como escrava
Sempre de noite e dia.

CONDE

Vamos minha senhora
Ao meu palácio vos quero levar
A Sofia minha esposa
Vos quero apresentar

Vão todos para o palácio do Conde, chega e diz:

Venho muito contente
Minha senhora Sofia
Correu tudo muito bem
Durante a caçaria.

Também te apresento esta senhora
Que no monte encontrei
Dando grandes gritos
Como já te direi
Entre dois malvados homens
A quem a morte lhe dei.

Pareciam dois *leões*
Que a queriam devorar
Queriam a toda a força
A sua honra *gosar*.

Ela é de alta linhagem
Bem o mostra a sua beleza
Por isso quero que vos ameis
Com toda a delicadeza.

SOFIA

Fizeste bem meu marido
Recebo-a com muita alegria
Viveremos neste palácio
Em fiel companhia.

Como minha irmã carnal
Senhora vos hei-de querer
Meu filhinho vos darei
Para com ele vos entreter.

Dá-lhe o filho.

IMPERATRIZ

Obrigado D. Sofia
Por também me servir
Este menino será a *companha*
Que comigo há-de dormir.

Música.

NATÃO (*Cheio de ciúmes*)
Por esta gentil donzela
Eu sofro grande paixão

Por bem que queira não posso
Conquistar seu coração.

Tomei por ela tal amor
Que me cegou o meu ser
O dia que a não vejo
Não tenho nenhum prazer.

Vou descobrir-lhe meu peito
Quanto por ela padecia
Tenho lugar esta noite
Enquanto a condessa dormia.

*Vai ao quarto dela, que deve ficar junto ao palácio.
Chega ao quarto e diz:*

Mui resplandecente aurora
Claro sol de *meio dia*
Que *fêz* o eterno pintor
Que todas as coisas cria

Minha alma por vós padece
Minha alma por vós perdia
É por isso que sinto em meu peito
Uma grande simpatia.

Quem *ousa-se* descobrir
O que seu coração sentia
O que vós tendes roubado
É liberdade e alegria

Essas lindas mãos cristalinas
De aljófar¹⁰ e pedraria
Me deixai beijar senhora
Pois que tem tanta valia.

Não consentais que eu padeça
Quem a vida só queria
Para vos servir e amar
Com todo o prazer e alegria.

Toma-lhe a mão e ela levanta-se abrasada em ira e diz:

IMPERATRIZ
Tiraivos diante de mim
Não cureis de mais porfia
Ou *di-lo ei* à Condessa
Minha senhora Sofia.

E também ao senhor Conde
Que de mim tanto se fia
E ele há-de castigar
Vossa tão grande *ausadia*¹¹.

*Natão sai fora do quarto, todo triste e zangado,
quási chorando diz:*

NATÃO
Não sei como me hei-de vingar
Desta malvada mulher
Que tanto me faz chorar
Sem de mim se comover.

Enquanto diz este verso sai Lusbel disfarçado:

LUSBEL
Porque chora o meu amigo?
Deve ter grande aflição
Bem mostra seu aspecto
Quanto sofre seu coração.

Não encubra seu segredo
Seja qual for o motivo
Que eu só venho aqui
Para socorrer o meu amigo.

NATÃO
Quem sois vós senhor
Que também me falais
Ser de algum país estranho
Com vosso aspecto mostrais.

LUSBEL
Em nada vos enganais
Que do país estranho sou
Venho fazer cruel guerra
A quem de mim se revoltou.

Venho dar paz aos corações
Que se acham em agonia
Fazer das escuras trevas
Um claro e lindo dia!

NATÃO
Vou descobrir-vos meu peito
Sem em nada vos mentir
Visto serdes tão bondoso
Meus segredos haveis de ouvir.

Por uma gentil donzela
É toda esta minha paixão
Mas nem por força nem manha
Conquisto seu coração.

Não sei como dela me vingarei
Pois é tanta a afeição
Que por ela tem minha cunhada

¹⁰ A forma que se encontra quer no texto manuscrito quer nos textos dactilografados é "aljufas".

¹¹ Forma mirandesa, do lat. vulgar *ausāre*, frequentativo de *audēre*.

E o conde meu irmão.

Ela é tão extremosa
E tem tanto *geito* para amar
Que até as criancinhas
Nela se vão abraçar.

Tem um menino a Condessa
Que por ela está sempre a chorar
Mal se cala com a *mãe*
Enquanto está a mamar.

LUSBEL
Isso não é o suficiente
Para teres tanta afeição
Hás-de fazer o que eu te digo
Para sossegar o teu coração.

Esta noite sem receio
No seu quarto há-de entrar
E com tua dura espada
A criança há-de matar:
E na cama dela mesma
A espada há-de deixar.

Faz isto assim
E verás como teu irmão
A manda desterrar
Sem ter dela compaixão.

NATÃO
Vou tomar teu conselho
No seu quarto vou entrar
E esta mesma noite
Meu sobrinho hei-de matar.

Vai ao quarto a fazer a morte e diz Lusbel:

Este dois pássaros
Já os tenho na mão
Natão para *estrefogueiro*¹²
E Albano para tição.

Vai-se. A Imperatriz acordou alagada em sangue que
da criança corria e banhada em lágrimas diz:

IMPERATRIZ
Acudi! Acudi! Depressa
Minha senhora Sofia
Que mataram vosso filho
Minha doce companhia!

*Acudiu Sofia que se ficou morta ao contemplar
tão horrendo crime, acudiu também o Conde e
Natão*¹³.

CONDE
Oh! Que espectáculo tão triste
Oh! Que grande aflição
Quem seria o traidor
Que cometeu tão grande traição.

Responde Natão, fingindo ter pena:

NATÃO
Quem matou meu sobrinho
Grande castigo merecia
Mandai-me-a vos fuzilar logo
Sem cuidar de mais porfia
Porque ali tem o cutelo
Com que cometeu tal *falsia*.

Tomando a criança nos braços D. Sofia diz:

SOFIA
Ai de mim triste coitada
Ai, filho do meu coração
Quem vos pôs neste estado
Sem de vós ter compaixão.

Oh! Quem me dera saber
Quem fez tão grande tirania
Merecia ser queimado,
Em enxofre, pez e resina.

Diz Natão mostrando o alfange ensanguentado:

NATÃO
Aqui esta o alfange
Com que a meu sobrinho matou
Mandai matar esta malvada
Que tal crime praticou.

Matou a meu sobrinho
A quem tanto eu queria
Se vós a não mandais matar
Eu mesmo a mataria.

SOFIA
Eu não posso acreditar
Que ela fizesse tal traição,
Bem o mostram suas lágrimas
Que *saiem* do coração.

IMPERATRIZ (*não podendo desculpar-se*)
Valha-me Deus, valha-me

¹² *Estrafogueiro, estrefogueiro*, também *strafogueiro*
é o suporte, ao lado da fogueira, onde se coloca a
lenha para arder melhor.

¹³ Ao lado, a lápis, figura também a menção “*pagem*”.

E a virgem Santa Maria
Quem vive sempre triste
A morte lhe é alegria!

SOFIA

Eu não acredito que a Porcina
Nosso filho podia matar
Mas alguém que mal a queria
Para dela se vingar.

Não lhe mandes dar a morte
Deus te pode castigar
Talvez esteja bem inocente
Do que a estão acusar.

CONDE

Pois se vós assim o quereis
A morte lhe vou poupar
Somente para uma ilha
A mandarei desterrar.

Nem mesmo devo dar à morte
A quem finezas só devia
Tanto a mim como à Condessa
Também ela nos servia

Sai o pagem.

Ide vós fiel *pagem*
Com o capitão da marinha falar
Dizei-lhe que venha com seu navio
A esta praia abordar.

PAGEM

Com toda a urgência
Vou cumprir vosso mandado
De tudo quanto me dizeis
O capitão será informado.

Vão-se todos. O pagem vai dar as ordens ao capitão.

PAGEM

Deus vos salve capitão
E acrescente vosso estado
Ouvireis a embaixada
De quem me a tem dado.

CAPITÃO

Vos direis *pagem*
Que vos atendo com agrado
Naturalmente viestes com pressa
Que mostrais a estar cansado.

PAGEM

O conde Clitano me mandou
Aqui para vos contar

Que precisa de vossos serviços
E tem gente para embarcar.

Uma mulher que tinha em casa
A mandou ele desterrar
Por desconfiança que tem
De seu filho matar.

E mandou-a desterrar
Para a ilha de *Calavria*
Onde não há se não feras
Nem outra luz do dia.

CAPITÃO

Bem zangado estava o Conde
Para tal sentença dar
Para isso *quási* era melhor
Mandá-la logo matar.

Porque nessa tal ilha
Qualquer que lá der entrada
Pode ter bem a certeza
Que pelas feras é devorada.

Mas ele assim o quer
Não nos podemos escusar
Podeis -lhe ir dizer
Que amanhã pode embarcar.

Às nove horas da tarde
O navio há-de entrar em mar
Portanto vinde a essa hora
Não me *fáçais* esperar

PAGEM

A essa hora aqui viremos
Essa mulher aqui trazer
Assim cumprimos as ordens do Conde
Que é o nosso dever.

Vai levar a embaixada ao conde dizendo:

Vossa embaixada foi cumprida
E atendida muito bem
Diz que por ela sentia mágoa
E pela condessa também.

Que amanhã às nove horas
Sairia a embarcação
Que estivéssemos ali a essa hora
Para não haver *dilacção*¹⁴.

CONDE

Pois tu e Teodora
A ireis acompanhar

¹⁴ Por “dilação”.

Ireis com ela até ao Porto
Onde ela embarcar.

A ti te entrego Teodora
Pois tens tão bom coração
Esta senhora para a acompanhares
Ate ao Porto de embarcação.

Irás tu e o *pagem*
Em sua companhia
Estimareis sua honra
Que ela bem a merecia.

TEODORA
Cumpriremos vosso mandado
Pois não se pode escusar
Ainda que meu coração
Fique por ela a chorar.

*Seguem com ela até ao porto e no caminho diz
Teodora chorando:*

Tende paciência senhora!
Para que é tanto chorar
Confiai na V. Maria
Que ela vos há-de acompanhar.

Ó! quem vos pudesse valer
Em tão grande aflição
Ó! quem pudesse aliviar
Vosso triste coração.

Chegando ao navio diz o pagem ao capitão:

PAGEM
Aqui vos trazemos a senhora
Que há-de ir na vossa embarcação
Estimai-a ela merece
Que é digna de estimação.

CAPITÃO
Não choreis querida senhora
Por ir na minha embarcação
Que nada vos faltará
Para a vossa alimentação.

Ides ver esse mar largo
Suas ondas a lutar
Também vereis grandes peixes
Sobre as águas saltar.

IMPERATRIZ
Agradeço bem capitão
A sua bondade pia
Mas para mim neste mundo
Já se acabou a alegria
Só Deus ma pode dar

E a virgem Santa Maria

CAPITÃO
Eu bem sei qual a pena
Que aflige vosso coração
Se eu tivesse o remédio
Já o tínheis na mão.

Mas visto assim ser
Não nos podemos demorar
Que vai a chegar a hora
De o navio marchar.

PAGEM
Auxiliai bom capitão
Em tudo esta senhora
Ainda que muito lhe façais
De muito mais é merecedora.

TEODORA
Adeus, amada senhora!
Adeus, alegria do meu coração
Que por vós os meus olhos
De continuo chorarão.

*Vão-se. Os marinheiros começam a marcha
cantando.*

Nós vamos continuando
Com a nossa romaria
Vamos dando ao remo
Com muita paz e alegria.

A vida do marinheiro
É uma vida muito cansada
De dia anda ao vento
De noite dorme à geada.

Indo na jornada diz o 1º Marinheiro

1º MARINHERO
Ó! que noite tão escura!
Que nevoeiro tão fechado
Até já me está lembrando
Que já estou desorientado.

Já me parece que era tempo
De a tal ilha ir chegando
Até já me está parecendo
Que de lá vamos passando.

2º
A mim também me tem rendido
A viagem a valer
Ou nós vamos perdidos
Ou bem longe pode ser.

Porque essa Ilha fica
Mesmo ao ponto do meio dia
Quantas vezes eu tenho estado
Na ilha de Calavria.

Mas a noite está tão escura
Grande perigo nos está a ameaçar
Nem ao menos vemos uma estrela
Para nos podermos guiar.

CAPITÃO

Não estejais em dúvidas
O navio vai bem guiado
Se a embarcação não fosse bem
Eu já vos tinha avisado.

(Ao chegar)

Alto aí! Marinheiros
Cá estamos nos na tal ilha
Ainda faltam duas horas
Para romper o dia.

Diz para a imperatriz

Aqui vedes o lugar
Que o Conde vos oferecia
Que Deus fique convosco
E a virgem Santa Maria.

Os marinheiros seguem viagem até mais adiante.

IMPERATRIZ

Ó! mui nobre imperador
Meu bem, minha alegria
Pouca é a vossa lembrança
De quem tanto vos queria
Que pouco tempo durou
Vossa doce companhia.

Sempre cuidei de vos ver
Algum tempo ou algum dia
Agora por meus pecados
Já mais nunca vos veria.

Deus perdoe o vosso irmão
E a virgem Santa Maria
Que eu lhe perdoo aqui
Todo o mal que me fazia.

Ó! Senhor meu pai!
Príncipe e Rei da *Ungria*
Que triste vida será
A vossa sem alegria!
Em ouvindo tão má fama
Quem em Roma de mim corria!

Mais sinto vosso pesar
Que minha grande agonia
Pois morrerei uma vez
E vós morreis cada dia.

*Nisto ouviu um grande ruído dos animais ferozes
que vinham para a devorar e ela caiu com o
susto, mas os animais não lhe fazem mal e a
Imperatriz põe-se de joelhos e diz:*

IMPERATRIZ

Ó! Virgem do céu valei-me
Nesta tão grande agonia
Pelas vossas santas dores
Valei-me neste dia.

Aparece Nossa Senhora

NOSSA SENHORA

Minha Porcina não temas
Que nenhum mal te viria
Eu sou a *mãe* de Deus
A quem serves cada dia
Que te venho socorrer
Em tão extrema agonia.

Não temas nenhum perigo
Princesa nobre mui pia
Que o senhor será contigo
Sempre de noite e de dia.

Dos bens que fizeste
Muito meu filho se agradou
Ele nunca deixa sem recompensa
A quem a ele se apegou.

Destas flores colherás
Que neste lugar nascia
E um ramo farás
Que há-de ter muita valia.

Esse ramo molharás
Somente em água fria
E com ele curarás os enfermos
Que estiverem em agonia
Em nome do Espírito Santo
Que todas as coisas cria.

Com estas ervas Porcina
Corarás com devoção
E mal elas caem
Sairás desta prisão.

*Vai-se Nossa Senhora. Sai o gracioso.
A Imperatriz apanha as flores e faz um ramo.*

GRACIOSO

Desgraçada imperatriz
Tenho dela compaixão
Saiu das garras do lobo
E meteu-se nas do leão

Tanto Albano como Natão
São levados do diabo
Mereciam *desvirar-lhe* a pele
Da cabeça até o rabo.

Se não tivesse medo às voltas...
Era eu quem lho fazia!
Ou os esquartejava em quatro cavalos
Ou em azeite os *fertia*.

Esses *perros* malvados
Sem alma nem coração
Desgraçaram essa mulher
Sem dela ter compaixão.

Melhor lhe era ter sido feia
Assim como nasci eu
Que para essas tais gracinhas
Ainda ninguém se me ofereceu.

Mas deixá-lo, deixá-lo,
Que me importa lá por isso
O que eu quero é trigo e vinho
E boas talhadas de chouriço.

*(Música). Finda a música vem o navio dirigindo-se
à tal ilha e os marinheiros cantam.*

Ninguém nos inveja a sorte
Não tem razão para isso
Soltar velas dar ao remo
É o nosso serviço.

A vida do marinheiro
É uma vida de amargura
Anda sempre trabalhando
Em cima da sepultura.

*A Imperatriz avista o navio ao longe e começa
assenar [a acenar] com um lenço dizendo:*

IMPERATRIZ
Marinheiros! Acudi, acudi
A esta infeliz mulher
Não me deixeis morrer aqui
Já foi bastante sofrer

1º MARINHEIRO
Parece que lá muito ao longe
Eu há muito ouço gritar
Algum navio deu a costa
E por socorro esta chamar.

2º MARINHEIRO
Eu também já tinha ouvido
A ele nos vamos guiar
A prestar-lhe todos os serviços
Que de nós precisar.

CAPITÃO
Pilotos e marinheiros
Gente humana ouço gritando
Naquela ilha deserta
A ela nós vamos arrumando.

É alguém que está em perigo
Vamo-la já socorrer
Vamos em seu resgate
Que é o nosso dever.

Ao pé da ilha.

Que vos passou mulher
Que tanto tendes gritado
Quem vos trouxe a este lugar
Só de feras habitado.

IMPERATRIZ
Ia ir com meu marido
Para Roma pretendia
E a grande tormenta do mar
Ali lançá-los havia.

E o navio deu à costa
Com a gente que trazia
E eu escapei sozinha
Sem nenhuma companhia.

Quero rogar-vos capitão
Por Deus e Santa Maria
Que me leveis a terra firme
Que eu bem vo-lo pagaria.

CAPITÃO
Todos somos contentes
Em vos servir neste dia
Levando-vos a terra firme
Com muita paz e alegria.

*(Entra no navio e seguem). Já perto de chegar
novamente a terra diz o Primeiro Marinheiro:*

1º MARINHEIRO
Eu tenho grande prazer
E sinto muita alegria
Por ter chegado à terra firme
Em bela paz e harmonia

2º MARINHEIRO

Eu também digo o mesmo
De ter viagem tão linda
Desde que sou marinheiro
Não tivemos outra ainda.

Neste tempo sai Alberto lendo um jornal ao pé do porto:

CAPITÃO

Olá senhor Alberto?
Então por aqui a passear?
Por força lhe gosta muito
Este porto de mar...

D. ALBERTO

Certamente me gosta muito
De vir para aqui passear
Gosto muito de *vêr*
Os passageiros desembarcar.

Tenho minha mulher tão doente
Já sem esperança de melhorar
Venho distrair minhas paixões
Aqui à beira do mar.

Muitas vezes pode vir
Alguém do estrangeiro
Em busca de patrão
Para ganhar dinheiro.

E que falta me fazia
Agora uma criada
Nesta ocasião dava-lhe
Uma grande soldada.

CAPITÃO

Trago aqui uma cativa
Da ilha da *calavria*
Tenho bem a certeza
Que muito bem lhe serviria.

Ela teve a infeliz desgraça
De seu marido perder
Numa embarcação que naufragou
Sem ninguém lhe poder valer.

Isto foi o que ela me contou
Durante a navegação
Mas chorando sempre
Por não ter protecção.

D. ALBERTO

Quer vir minha senhora
Servir de criada?
Só sou eu e minha mulher
Mas está há muito inutilizada.

IMPERATRIZ

Aceito sim meu senhor
Com todo o gosto e prazer
Servi-los-ei em tudo o que possa
Quanto em minhas forças houver.

*(Diz para o capitão)*¹⁵

Diga meu capitão
Quanto lhe hei-de dar?

CAPITÃO

Já lhe disse minha senhora
Nada tem a pagar.

Vai -se D. Alberto e a Imperatriz para casa

D. ALBERTO

Aqui te apresento minha Luzia
A nossa nova criada
Espero que nos há-de servir bem
Que é muito bem educada.

LUZIA

Nisto sou muito contente
Que bem falta nos fazia
E que nos sirva muito bem
É quanto eu desejaria.

IMPERATRIZ

Que doença a tem afligido
Minha senhora Luzia
Que tenha sofrido muito mal
Bem a sua *côr* o dizia.

D. LUZIA

Dum mal que não tem cura
Tem sido todo o meu sofrer
Para mim já não há remédio
Só me resta o morrer.

Estou despedida dos médicos
Vivo já sem alegria
Quer de dia quer de noite
Vivo sempre numa agonia.

IMPERATRIZ

Tenha fé em Deus
Que ainda há-de melhorar
Se seu marido dá licença
Eu mesmo a hei-de curar.

¹⁵ Esta informação de texto foi acrescentada posteriormente pois se encontra colocada ao lado, escrita com uma cor diferente.

LUZIA

Meu marido dá licença
E dou-lha eu também
Mas se os médicos me dizem
Que não me cura ninguém.

Todos os sábios de *medecina*
Eu tenho consultado
E remédio para mim
Nenhum há encontrado.

IMPERATRIZ

Tem agora em sua casa
Quem a há-de curar
Não pelo meu merecimento
Mas por Deus me o querer dar.

Vou corar-vos em nome do padre
E também da virgem Maria
Em nome do Filho e do Espírito Santo
Que todas as coisas cria.

*Molhou o ramo no copo de água e empregou-o,
imediatamente se levanta já curada e diz:*

LUZIA

Oh! Milagre tão potente
Maior não podia ser
Dizer-me os médicos que morria
E curar-me esta mulher
Se bem a queria até aqui muito mais lhe devo querer.

IMPERATRIZ

Dê graças a Deus
E à virgem Santa Maria
Pelas flores que fez
Em lhe dar saúde e alegria.

D. ALBERTO

Em verdade esta mulher é uma santa
Que em minha casa entrou
O milagre que agora fez
Bastante me admirou.

A quem melhor, Luzia
Nós devemos querer
Para herdeira dos nossos bens
Há-de ser esta mulher.

IMPERATRIZ

Obrigado meus senhores
Por tantas mercês me fazer
Eu não quero os vossos bens
Deixai-os a quem os aprouver.

*(Correu a cortina do palácio). Sai o cego e o criado
com uma guitarra e violão a pedir esmola e diz:*

CEGO

Ó Faustino? Haverá maior desgraça
Que cegar um homem ao nascer
Haver tantas coisas no mundo
Sem nunca eu as *vêr*.

Haver tantas coisas no mundo
Cores tão variadas e diferentes
E um cego sem nunca conhecer
Nem as passadas nem as presentes.

Nem ao menos me conheço a mim
Nem caminho por onde vamos
Para mim todos os corpos são *invizíveis*
Até mesmo os que apalpamos.

Ainda queres maior desgraça
Que um homem nunca ver
O mundo que habitamos
E os pais que nos deram o ser.

CRIADO

Isso é tudo verdade
Falas com bastante razão
Mas os que a têm e a perdem
Também devem ter grande paixão.

Queres que te diga a verdade
Como amigos do coração
Se causa pena nascer cego
O perdê-la causa aflição
Portanto deixemo-nos disto
Vamos cantar uma canção.

Cantam.

Os cegos que nunca viram
Nem sua vista lograram
Nunca devem ter tanta pena
Com os que viram e cegaram.

CEGO

A minha viola? *Quási* não toca nada.

CRIADO

Pró que tu a tens de bem afinada!

CEGO

Como tu o violão.

CRIADO

Quási tens razão.

CEGO

Vamos pedir uma esmola
Que já não tenho dinheiro nem pão
A ver se dá alguma coisa

Lá o nosso capitão.

CRIADO

Eu também já tenho as tripas
Com bem falta de as encher
Mas não sei se será o capitão
Que nos dará de comer.

Porque os soldados são
Muito pouco amigos de dar
Mas *com tudo* vamos lá
Pouco nos pode custar

Vão a casa do capitão e cantam o seguinte:

Ó senhor capitão,
Tenha de nós piedade
Dê-nos de lá uma esmola
Que temos grande necessidade.

O capitão sai fora, olha a carteira e dá-lhe um tostão:

CAPITÃO

Aparem lá no chapéu
Que é para vos ajudar
Tendo muitos assim
Bem podeis jantar.

Vai-se assim que lhe deu.

CEGO

Ó Faustino, quanto deu
Parece que não rugiu no chapéu.

CRIADO

Pró que ele deu! Senhor do céu
Olha um tostão! Grande esmola para um Capitão
Na mão trazia um tostão
Para dar a quem pedía
Vá para o demo que o leve
E prá puta que o pariu¹⁶.

Esse *futre* avarento
É um falso *relogento*
Que só vive das migalhas
Que rouba no regimento.

CEGO

Eu tenho no pensamento
Que estes assim de chapéu pró ar
Que se julgam mais espertos

Por tão pouquinho dar.

Este não merece violada.

CRIADO

É que então, nem raspada
Vamos a casa do imperador
Haver se nos trata melhor.

CEGO

E se nos faz *peor* para mais caçoada¹⁷.

CRIADO

Pior? Só se não nos der nada.

Vão pedir à casa do Imperador. Do fundo da escada cantam o seguinte, estando Ia as duas aias:

Avé Maria cheia de graça
Cheia de graça avé Maria
Dando-nos hoje uma esmola
Grande favor nos fazia.

1ª AIA

Aparem lá no chapéu
A esmola do Senhor Imperador
Diz que não toquem mais
Que aumentam sua dor.

*(Ela recolhe-se)*¹⁸.

CEGO

Conta lá Faustino?
Parece que deu boa manada¹⁹
Mas coisa de encher barriga
Parece que ninguém dá nada.

CRIADO

Deixá-lo, esta ainda deu pró jantar
Se não deu que comer
Deu dinheiro para pagar.

Ao mesmo tempo aparece a 2ª AIA.

2ª AIA

Manda dizer o senhor Imperador
Que acaba agora de jantar
Se querem umas sopinhas
Que façam favor de esperar.

¹⁶ Estes dois versos são os que se encontram escritos a tinta. Contudo, por cima deles, alguém “corrigiu” e escreveu a lápis: “ Deus nos ajude irmão / E à Virgem Santa Maria.”

¹⁷ A forma que nos aparece no texto é “casuada”.

¹⁸ Esta informação também foi acrescentada de lado.

¹⁹ Forma mirandesa, derivada de “mano” (mão), significando “quantidade que se pode apanhar numa mão”.

CEGO

Aceitamos minha senhora
Se nos faz o favor
Temos tão grande fome
Que nunca o vi maior.

CRIADO,

Eu sinto já as tripas
Da barriga a querer fugir.

CEGO

E o caso não é para rir.

Começam a tocar e o gracioso vem espreitando e cantam o seguinte:

O senhor Imperador Lodónio
Vive em grande aflição
Pelas muitas falsidades
Que lhe causou seu irmão.

GRACIOSO

Parece que ouço tocar
E eu vou dançar.

(Faz que dança). Nisto vem a aia com uma terrina de sopas²⁰ e diz cá em baixo:

2ª AIA

Aqui lhe trago as sopinhas
Tratem já de as comer
Comam-nas *em quanto* quentes
Não as deixem arrefecer.

Ah! Mas os senhores são três
Podia-[as] ter trazido mais acrescentadas
Julguei que só eram dois
Se não trazia-as mais *abunadas*.

CRIADO

Este companheiro chegou agora
Mas não sei se também as quer.

GRACIOSO

Tenho-lhe tão grande vontade
Que já me estou a *lember*.

2ª AIA

Com a pressa que trazia

Só lhe trouxe uma colher.

Põe a mesa.

CRIADO

Não se *apuente* minha senhora
Para mim já tenho colher.

GRACIOSO

E eu da direita faço garfo
E da esquerda colher.

Comem cada um o que mais poder, o cego com a colher que trouxe a Aia, o criado com a colher que trazia, o gracioso com a mão. Depois de comer tudo diz:

2ª AIA

Façam favor da terrina
Que a quero levar
Não Possa meu amo
Por minhas falta ralhar.

CEGO

Eu fiquei com a mesma fome
Enquanto *despejasteis* a terrina
Com este modo de comer
Bem podia vir uma tina.

CRIADO

Foi este *descortezão*
Que até lhe pegou a mão

GRACIOSO

Que dizes meu pilha gatos
Refalssísimo intrujão
Não foste tu que as comeste
Com esse grande *cocharão*²¹.

Diz o criado com ira.

Que me dizes, seu patife,
Se não fosse por nada
Já aqui te desfazia
Da primeira bofetada.

O gracioso assustado.

CEGO

Deixa lá o desgraçado.

CRIADO

Já está deixado
Mas que não me torne aparecer
Que lhe tenho tão grande raiva

²⁰ Em mirandês a palavra “sopas”, que só se utiliza no plural, deve distinguir-se caldo. É um prato composto de água fervida à qual se acrescenta pão partido às fatias e temperado apenas com gordura de porco. Geralmente é apenas utilizado quando se tem falta de apetite. Chamam-se também “sopas” a um cozinhado idêntico, muito energético, preparado na altura das ceifas e que leva o nome de “sopas de la segada”.

²¹ Cf. castelhano “cuchara”.

Que nem o posso ver.

GRACIOSO

(Fugindo).

Que me importa vossos violos
Nem vossos modos de tocar
Onde quer que eu chegue
Todos os bolsos me enchem de dar.

Vão a casa de Alberto e cantam.

Viva lá senhor Alberto
E mais a senhora Luzia
Deiam de lá uma esmola
A um cego que nunca via.

ALBERTO

Aqui tenho em minha casa
Quem vos pode consolar
Tanto vos pode dar esmola
Como vos pode corar.

CEGO

Onde está essa senhora
Que me pode curar
Que já sem mais demora
A seus pés vou ajoelhar.

IMPERATRIZ

Dai graças a Deus irmão
Que ides a ser curado
Em nome do Padre e do Filho
Que tudo *ão* criado

Em nome do Espírito Santo
E da virgem Santa Maria
Vou dar vista a este cego
Para que veja a lua do dia

*A Imperatriz esfrega-lhe os olhos com o ramo,
imediatamente foi curado e atira com a viola todo
contente.*

CEGO

Oh! Milagre tão potente
Fez esta santa mulher
Dar vista aos meus olhos
Para tanta coisa ver.

Agora é que eu aprecio
O valor que a vista tem
Todos os mais que a tendes
Não calculais também.²²

Põe-se de joelhos diante da Imperatriz, dizendo:

CEGO

Mil graças vos dou senhora
Por tanto bem me fazer
Aceitai este pobre coração
Hoje tão cheio de prazer
Já que não tenho ouro nem prata
Para hoje vos oferecer.

A Imperatriz levanta-se e diz:

IMPERATRIZ

Agradecei-o a Deus, irmão,
E à virgem Santa Maria
Oferece-lhe o teu coração
Que é o que ela mais queria

(Música). Vão-se.

*Sai o médico a visitar Albano e depois Natão por
estes estarem gravemente enfermos diz a criada de
Albano fora do quarto²³.*

FRANCISCA

Eu estou mesmo admirada
E mesmo não é sem razão
Por ver que nesta casa
Só reina a *dôr* e a paixão.

Desde que saiu daqui
A mulher do *emperador*
Entrou o demónio no palácio
Fazendo o que é de *peor*.

O imperador parece que anda doido
Já não pensa no governo da nação
Não sei se é por ter pena da Imperatriz
Se pela doença do irmão.

Já ando cansada de todo de todo
Quando em cima a varrer a cozinha
Quando em baixo a lavar o salão
Quando chega a noite estou mesmo moíndinha.

(Sai o médico)²⁴.

Já são três horas da tarde
O senhor doutor deve estar a chegar
Fazer a visita ao senhor Albano
E o quarto por arrumar.

passam para criadas deles por não meter mais gente”.

²³ Estas informações de cena encontram-se parcialmente riscadas, tal como aqui se assinala.

²⁴ Nota acrescentada lateralmente.

²² Nota do *regrador* inscrita lateralmente: “Neste tempo Albano e Natão estão doentes. As aias

Vai a toda a pressa arrumar o quarto. Aparece o médico muito devagar.

MÉDICO

Olá Francisca!

Parece que não tem posto boa cara.

CRIADA

Não admira senhor doutor

Eu nem sei como tenho aguentado

O senhor Albano cheira tão mal

Custa mesmo a suportá-lo.

MÉDICO

Vamos ver como está

Para ver se é tanto como diz

Ver se o cheiro provém da doença

Ou se provém do seu nariz.

(Entra o doutor).

Então senhor Albano como está?

Sente-se alguma coisa melhor?

Os remédios têm-lhe pintado

Embora não esteja melhor

Também não está mais agravado.

ALBANO

Para mim já não há remédio

Para mim já não há doutores

Para mim não há nada que me tire

Tão penetrantes e agudas dores.

Para mim já não há saúde

A mim só me resta sofrer

Já á morte vejo perto

Meu remédio é morrer.

MÉDICO

Não diga isso senhor Albano

Que ainda há-de melhorar

Tenha fé em Deus

Que é quem o pode sarar.

Faça uso da receita

Que hoje lhe vou receitar

Há-de comer e beber de tudo

Quanto ao senhor lhe *entolhar*.

Vai fazer visita a Natão, enquanto chega a Teodora a criada e diz:

TEODORA

Vejo-me atrapalhada com o serviço

A senhora bem podia meter outra criada

Porque para mim sozinha

É uma grande maçada.

Fazer limpeza ao palácio

Arrumar quartos, acender o fogão

Mas com tudo aguentava bem

Se não fosse a doença de Natão.

Além do muito trabalho que dá

O que me aflige mais é o *orror*

Que tem naquelas feridas

Que deitam um *orrendo* fedor.

MÉDICO

O doente vai melhor Teodora?

(Diz cá fora do quarto)

As feridas têm tomado alguma melhora?

TEODORA

Cada vez pior senhor doutor

O cheiro cada vez mais *insopurtável*

Eu já teria morrido há muito

Se não fosse tão saudável.

Desde que saiu Porcina desta casa

Nunca mais aqui houve alegria

Natão logo perdeu a saúde

E a amizade de Sofia.

De Porcina ser desterrada

Foi Natão o mais culpado

A sua doença é sem dúvida

O castigo do seu pecado.

MÉDICO

O mesmo que me contas de Natão

De Albano me hão contado

Que também sofria por castigo

De um falso testemunho ter levantado.

Foi dizer a seu irmão

Que lhe era falsa a sua consorte

Querendo ele casar com ela

A seu marido dava a morte.

Albano só lhe resta a morte

Agora vamos ver Natão

Se esta da mesma sorte.

Entra dentro e continua.

Como vamos senhor Natão

Está muito melhor

Pelo menos as suas chagas

Hoje apresentam melhor *côr*.

NATÃO

Não diga isso senhor doutor
As dores cada dia aumentam mais
Passo penas tão cruas
Cada vez mais desiguais.

Para mim já não há alegria
No mundo já não tenho prazer
Tenho a esperança perdida
Já pouco posso viver.

MÉDICO

Não esteja tão desanimado
Que ainda pode melhorar
Se eu não lhe *poder* dar saúde
Deus ainda lhe a pode dar.

E mesmo não se deve agonia
Antes sofrer tudo com paciência
Receber os males da mão de Deus
Como sendo dos nossos pecados penitência.

Agora já não lhe receito mais nada
Sem acabar comeste medicamento
Para cada dia três colheres
Ainda lhe chega para muito tempo.

Sai para fora ele e a criada.

Tenha paciência Teodora
São três dias o mais tardar
Que tem Natão de vida
Portanto, mandem-no confessar.

Mandem *desinfetar* seu quarto
Com este remédio que lhe vou dar
Não devem entrar no seu quarto
Sem desta água cheirar.

Entrega-lhe o vidro.

TEODORA

Ao quarto ninguém vem
Só é tratado por minha mão
Aqui já nem *vem* os seus amigos
Nem mesmo o conde seu irmão.

*Vai-se o médico. Teodora vai contar a sua vida à
senhora Sofia.*

TEODORA

Natão no leito de dor
Dores *cruciantes* está a sofrer
E a carne do seu corpo
Hora a hora apodrecer.

O senhor doutor não lhe receitou
Já por escusado ser

Diz que só tinha três dias
Para neste mundo viver.

Ele está em tal estado
Cada vez mais a feder
Não sei como hei-de suportá-lo
Não preciso mais para morrer.

CONDE

Não precisareis mais não
Bastante tendes aguentado
Mas por minha mão vos será
Todo o serviço bem recompensado.

(Diz para Sofia)

Ontem a mim me foi dito
Minha senhora Sofia
Que havia uma mulher nesta cidade
Que grandes milagres fazia.

Em caso de meu primo Alberto
É que ela se recolhia
Já deu saúde à sua mulher
E vista a um cego que ali ia.

Levamos lá meu irmão
De maneira a não apanhar frio
Que doutra maneira não pode ir
Por estar tão mal sentido.

*Preparam-se para levar a casa de D. Alberto (por
quatro), o pagem, D. Sofia e Teodora vão tapando
o nariz por causa do mau cheiro.*

CONDE

Acordai querido irmão meu
Esta noite vos quero levar
A casa do meu primo Alberto
Para nela vos curar.

Vamos pela calada da noite
Para ninguém interromper
Entraremos lá antes da meia noite
Sem ninguém o saber.

À porta de D. Alberto

Levante-se senhor Alberto
Grande favor nos fazia
Hoje o vem incomodar
Gente da sua família.

*Levanta-se Alberto que ficou muito contente a ver
o primo.*

ALBERTO

Que novas vos trazem aqui
Antes de nascer o dia
Sois doente vós, ou a senhora Sofia?...

CONDE

Nem eu nem minha mulher
Mas sim meu irmão
Tem passado tão mal
Que até causa aflição.

E constou-me que em tua casa
Uma santa mulher havia
Que corava todos os males
Sómente com água fria.

Eu não *quiz* mais ouvir
Tudo logo preparei
Só dei parte a família
E aqui me apresentei.

ALBERTO

Não te hás-de arrepender
Agora vamos descansar
Assim que venha o dia
Ela o há-de curar.

*(Música). Recolhem para dentro. Logo que é dia diz
o conde para Porcina:*

CONDE

Trago-lhe aqui meu irmão
Há muito tempo a sofrer
Despedido já dos médicos
Por remédio não haver.

Dizendo-me que a senhora tinha o poder
Que Deus lhe havia dado
De curar todas as doenças
Nem que o mal estivesse bem agarrado.

Se a senhora é contente
De meu irmão curar
Dar-lhei tanto dinheiro
Que a senhora mal o pode contar.

IMPERATRIZ

De tudo sou muito contente
Porém eu nada vos queria
Quero ver o vosso irmão
Se esse favor me fazia.

Meu irmão salve o Deus
Que todas as coisas cria
E vos salve a vossa alma
E ao corpo de melhoria.

Vós irmão! quereis ser são?

NATÃO

Eu quero sim senhora!

IMPERATRIZ

Haveis de vos confessar
Sem cuidar de mais porfia
Diante desta gente
Porque assim *mistér* havia
E se não vos confessais
Saúde não vos daria!

Cristo Nosso *iterno* Deus
Alto rei Onnipotente
Manda que confesseis vossos pecados
Hoje aqui publicamente.

Deus está pronto
Para tudo lhe perdoar
Que precisa de *vós* alta
Seus pecados confessar.

NATÃO

Eu de tudo me confesso
Sem um pecado deixar
Tenho ofendido muito a Deus
Mas não é por roubar.

Tenho dito algumas mentiras
Falsos testemunhos nunca levantei
Não sofro o mal com paciência
É somente o que sei.

IMPERATRIZ (*fingindo que o não entendia*)

Se tudo não confessais
Eu curar-vos não podia
Só um grave pecado
A Deus muito ofendia.

Convém que satisfaçais
A honra que se perdia
Daquela que vós *saveis*
Quanto inocente vivia.

Ouvindo isto Natão gemia e tremia muito.

CONDE

Mui grande pecado tendes
Para assim o ocultar
Sabeis que não vos dá saúde
Sem de tudo vos confessar.

NATÃO

Senhor não tenho a *ausadia*
Só se vós me perdoais
E vossa esposa Sofia.

CONDE

Eu *perdô-o-te* meu irmão
Tu *perdôa-me* também a mim
Todos somos pecadores
Este mundo foi sempre assim.

SOFIA

Eu também te *perdo-o*
De todo o coração
Para que a tua alma vá
Gosar eterna salvação.

Natão muito triste confessa tudo a chorar.

NATÃO

Eu fui quem matei meu sobrinho
Na cama quando dormia
Por ela não me aceitar
O amor que eu lhe oferecia.

Eu tomei-lhe tal ódio
Que nem a podia ver
Meu gosto era matá-la
Para vingar o meu poder.

*Ao ouvir isto o Conde e a Condessa ficaram
amortecidos e tornando a si disse a condessa:*

CONDESSA

Oh! Malvado quem diria
Tua grande *hipocresia*
Porque te dera o castigo
Que tua traição merecia!

A amiga maior perdi
Que ninguém nunca perdeu
Assim uma fiel companheira
Não voltarei a ter eu.

Também como me queria
Aquela bondosa mulher
Eu bem dizia que tal traição
Ela não podia fazer.

Não me pesa meu filho
Pois foi de tenra idade
Porque está no céu
A *gosar* a felicidade.

Mas aquela senhora
Que eu matei com *ausadia*
Tenho tão grande pesar
Que, a alma me saía.

Eu não posso perdoar
Aquilo que não sabia
E se lhe dei o perdão

Mil vezes me arrependia.

Nem meu senhor marido
O deve perdoar
Porque sendo seu irmão
Não o devia atraiçoar.

IMPERATRIZ (*Tira o véu*)

Eu sou essa mulher
Que *também* vos queria
Deus me há guardado
Duma tão grande falsia!
De todo o coração vos *perdô-o*
Senhor conde e senhora Sofia.

SOFIA

Dai-me os vossos braços
Amiga do coração

(*Abraçam-se*).

Desde que *deixasteis* minha casa
Não voltei a ter consolação.

CONDE

Oh! Que grande contentamento
Eu sinto neste dia
Por hoje chegar a ver.
A quem ver não pensaria
Perdoarei a meu irmão
Antes que ele não o merecia.

IMPERATRIZ

Em nome de Jesus Cristo
Que todas as coisas faz
Vou curar este irmão
Para que vá em paz.

*Emprega-lhe o ramo molhado em água fria, ele
levanta-se já curado.*

NATÃO

Obrigado por tanto bem
Me fazer neste dia
Dando a boa saúde
A quem não vos a merecia
Vou fazer penitência
Adeus até um dia.

Recolhem-se e Natão vai para casa.

GRACIOSO

Olha o que vai de contente
Por ir já bem *corado*
Se lidasse cá comido
Tinha-o mas era matado.

Seu perro fedorento
Ainda fedia mais que um *boubelo*²⁵
Inchava a todos
Quantos iam a vê-lo.

E para confessar o tal pecado
Então é que se punha a gritar
Parecia mesmo o meu burro
Quando está a roncar.

Vai-se sai o Conde, o pagem e Teodora.

CONDE
Vós meu *pagem* ireis
Em companhia de Teodora
Visitar nosso Palácio
Sem mais outra demora.

Eu e Sofia ficaremos
Em companhia desta mulher
Porque o bem que nos fez
Precisamos de lhe agradecer.

*Vão-se. (Música). O conde fica em casa de Alberto,
a mulher, o pagem depois vai imediatamente para o
palácio do Imperador para não ter que meter outro.
Sai o Imperador e o pagem.*

IMPERADOR
Recebi ontem uma notícia
Que me deu muita alegria
Soube que Natão era curado
Da doença que padecia.

Que o tinha curado uma mulher
Que vive em casa de D. Alberto
Mas como ela faz as curas
Não o havia descoberto.

Nunca dela se aparta
A condessa D. Sofia
Assim como a mulher de D. Alberto
Que em extremo lhe queria.

Tudo isto me foi dito
E ouvi com muita atenção
Resolvi mandá-la chamar
Para ver se cura meu irmão.

Vós mesmo o ireis chamar
Pois que sois amigo mais certo
A minha embaixada levar
A casa de D. Alberto.

Contareis-lhe tudo o que se passa
E como esta meu irmão
Dizei-lhe que ainda esta *peor*
Do que estava Natão.

E que venha *convôsc*
Antes do segundo dia
Que no terceiro disse o médico
Que meu irmão morria.

PAGEM
Irei com grande pressa
Cumprir o vosso mandado
E tudo quanto me dissestes
A D. Alberto será contado

Vai à casa de D. Alberto

Venho aqui senhor Alberto
Uma embaixada trazer
Do senhor imperador Lodónio
Ouvireis o que manda dizer.

CONDE
Olá senhor *pagem* Florentino
Bem vindo seja vossa senhoria.

PAGEM
Desculpe-me, senhor Clitano
Com grande pressa que trazia
Fêz não me dar lugar
De conhecer vossa senhoria

Ao Imperador foi contado
Com uma grande cortesia
Que em sua casa havia uma mulher
Que grandes milagres fazia.

Que curava todos os males
Quantos ela fosse mister
Que até os cegos de nascimento
Curava e fazia ver.

Mostrai-me essa senhora
Que lhe quero falar
Dizei-lhe que o senhor Imperador
Por mim a manda chamar.

ALBERTO
Essa nobilíssima senhora
Aqui virá para vos atender
Sei que faz imenso gosto
E vos atende com prazer

Vai chamá-la.
Aparece e ela conheceu o pagem.

²⁵ Pássaro insectívoro, cujo nome em mirandês é *boubielha* (cf. castelhano “abubilla” e português poupa < lat. **upupella*, dim. de *upupa*).

IMPERATRIZ

Aqui me apresento senhor (Florentino)²⁶
Com imenso prazer
Para ouvir a embaixada
Que vos fêz aqui trazer.

PAGEM

O fim que aqui me tráz
Minha nobilíssima senhora
É dizer-vos que o imperador Lodónio
Com seus serviços conta agora.

Seu irmão Albano
Grande pena padece
E se vós o quereis ir curar
Ele muito vo-lo agradece.

Ele vos pede e vos roga
Que o queirais ir curar
Todo o bem que lhe façais
Ele vo-lo ha-de pagar.

Se o désseis da doença curado
Que ele vos prometia
Fazer-vos tão grande senhora
Como outra não haveria.

IMPERATRIZ

De tudo sou muito contente
Quero que vão em minha companhia
D. Alberto e sua mulher
O senhor conde e a D. Sofia.

*Partiram todos, pagem, imperatriz, Conde D.
Alberto, D. Sofia, D. Luzia. A Imperatriz vai de luto
com um véu tapando a cara. Chegam ao palácio e
diz o Imperatriz:*

IMPERADOR

Grande prazer sinto hoje
No meu coração sinto alegria
Por receber no meu palácio
Gente de grande fidalguia.

*Bem vindo sejais conde Clitano
E mais vossa senhora Sofia
Assim como meu primo D. Alberto
E sua mulher D. Luzia!
Viva também essa senhora
Que trazeis em vossa companhia.*

IMPERATRIZ (*Disse com muita alegria por se ver
já no seu palácio ainda que ninguém a conhecia*)

Vossas mãos quero beijar
Senhor imperador Lodónio
Por ser hoje também recebida
Como é esposo de matrimónio.

IMPERADOR

Não sei sequer hoje
A alegria do meu coração
Se é por ter meus amigos no meu Palácio
Tratar da saúde de meu irmão.

Quero fazer a honra
Por ser gente de tanta valia
Sentar-vos-ei à minha mesa
Comeremos todos em companhia.

*Sentam-se todos à mesa. Todos comem e bebem
as aias servem a mesa e diz o Imperador para
Porcina que não comia.*

IMPERADOR

Por estar em meu palácio
Não vos envergonheis senhora
Pela primeira vez que aqui vindes
Vos recebo com grande honra.

E todos estes senhores
Já são vossos conhecidos
Todos eles são meus parentes
E meus íntimos amigos.

Acaba o jantar e diz a Imperatriz:

IMPERATRIZ

Claríssimo imperador
Rei de toda a monarquia
A quem devem *sugeição*
Todos os que a terra cria.

Eu como serva menor
De quanto no mundo havia
Conhecendo o grande pesar
Que tendes em demasia
Pela doença de vosso irmão
Que tanto mal padecia.

Venho aqui para o curar
Como quem em Deus confia
Que *êle* lhe dará saúde
Com sua clemência pia.

Mandai chamar vosso irmão
Que em breve o curarei
Qualquer que seja a doença
Remédio eu lhe darei.

IMPERADOR

²⁶ Esta palavra encontra-se riscada.

Vinde vós a visitá-lo
Pois que não se pode erguer
Dão-lhe somente os doutores
Três horas para viver.

Vão todos ao quarto do doente e diz a imperatriz:

IMPERATRIZ

O senhor está muito doente
Tem sofrido muito mal
No entanto dê graças a Deus
E à virgem celestial.

ALBANO

Eu estou muito doente
Nem a cabeça posso levantar
É-me preciso um criado
Para no leito me virar.

IMPERATRIZ

Em nome do Deus do céu
O seu mal eu vou curar
Mas diante de Lodónio
Terá de se confessar.

Se um pecado mentir
Num momento morrerá
E sua alma senhor
Para o céu não entrará.

ALBANO

Eu os meus pecados
Não vo-los posso confessar
Só os confessei a um sacerdote
Que é quem mos pode perdoar.

IMPERATRIZ

Será logo por demais?
A minha vinda a este lugar
Visto que não vos confessais
Não vos posso curar.

Diz o imperador zangado por o irmão não se querer confessar:

IMPERADOR

Quem agora vos curasse
Tão grande milagre fazia
Como se ressurgisse um morto
Já mesmo da campa fria.

Pois que isto vos contamos
Porque vos falta a *ausadia*
De confessar vossos pecados
Diante desta companhia.

Dizei-me por Deus irmão

Porque não vos quereis confessar
Tão grandes pecados tereis
Que Deus não vos possa perdoar?

ALBANO

Lodónio! Querido Lodónio
Meu leal e bom irmão
Antes de eu me confessar
Quero pedir teu perdão.

LODONIO

Por mim tudo te perdô-o
E perdoa-me tu também
Para que Deus nos perdoe
E a virgem sua mãe.

ALBANO

A imperatriz tua mulher
Era santa, era fiel e inocente
Fui eu só o criminoso
Pois cometi falta indigente.

Não sei se sereis lembrado
*Daquê*le tão triste dia
Quando daqui vos partistes
Para ir à romaria.

Por governador me deixastes
Como a razão o pedia
A mim e a imperatriz
Que eu a acusei com grande falsia.

Eu quis-te ser infiel
Mas ela não o consentiu
Com toda a sua altivez
Para longe me repeliu.

O imperador desmaia e voltando a si diz:

IMPERADOR

É verdade o que acabas de *perferir*²⁷.

ALBANO

Tudo quanto lhe conto
Sem nada lhe mentir²⁸.

IMPERADOR

Volta atrás minha palavra
Não te posso perdoar
Pois não merece perdão
Quem me *quiz* atraiçoar.

Piedoso Jesus Cristo

²⁷ Por “proferir”.

²⁸ Estas duas intervenções, do Imperador e de Albano, foram acrescentadas a lápis.

Iterna sabedoria
Tão altos são teus mistérios
Que ninguém os compreendia
Quem pensará que meu irmão
Tão grande traição me fazia.

Eu fui um indiscreto
Pois fiz o que não devia.

Oh! Minha amada mulher
Claro sol e luz do dia
Minha soberana lembrança
Espelho em que me via
Como partiste queixosa
De uma tão penosa vida.

De mim mais do que do cunhado
Razão tereis de o dizer
Em vos matar sem culpa
Sem ao menos vos querer ver.

Pelegem os elementos
Abre-se a terra fria
Para consumir em si
Quem a Deus tanto ofendia.

Escurece o sol e a lua
Que todo o mundo alumia
Para que ajudem o meu pranto
Como a razão o pedia.

Deu-lhe um desmaio e caiu. Volta a si.

IMPERATRIZ
Perdoai vosso irmão
Disfarçai vossos rancores
Se não houvesse pecados
Escusados seriam os confessores.

IMPERADOR
Já que a senhora me pede
E com tal meiguice o chorou
Por lhe fazer tal mercê
Ainda perdoar-lhe vou.

Porém com a condição
De o mandar desterrar
Caso vós virtuosa mulher
Vida lhe queirais dar.

Por sua falsia mandei matar
A quem só finezas devia
Por causa deste malvado
Fiquei eu sem companhia.

IMPERATRIZ
Esquecei-vos do leito, Albano

Já ides ter perfeita saúde
(*esfrega-lhe o ramo*)
Podeis dizer que fostes um morto
Erguido do ataúde.

Agora dai mil graças a Deus
E à virgem Santa Maria
Eles vos deram a saúde
Por sua bondade pia.

*Levanta-se como se nunca tivesse tido mal algum
e diz o Imperador:*

Escutai a ordem que vos dou
Irmão, aqui não torneis a voltar
Já que vos fiz o favor
De o vosso crime vos perdoar.

ALBANO
Adeus, meu querido irmão
Já que assim o quereis
Eu irei para onde
Tarde ou nunca vós me vereis.

Adeus bondosa mulher
Que a saúde me destes
Deus nosso senhor vos pague
Tanto bem que me fizestes.

Vou fazer penitência
Do meu tão grande pecado
Só voltarei aqui irmão
Quando Deus me tiver perdoado.

*Vão-se. Música. Albano vai vestir as galas, saindo
depois do quarto diz:*

ALBANO
Que grandes foram os meus pecados
Agora é que eu estou a pensar
Mas sei que Deus é justo
E me há-de perdoar.

(Sai Lusbel a ouvir)

LUSBEL (*zangado*)
Já não te podes salvar
Deus não te pode dar perdão
A quem no mundo cometeu
Tão horrenda e vil traição.

Para casar com a Imperatriz
Querias matar teu irmão
Querias ser imperador de Roma
No inferno serás o capitão.

O diabo empurra-o e sai Nossa Senhora ao longe e ele assim que a avista diz:

Ainda aí tornas mulher
Bem me tens atormentado
Já duas vezes até os pés
Me calcaste bem calçado.

Deixa-me ao menos levar
Este traidor desgraçado
Que atraíçooou o seu irmão
Para com sua mulher ser casado.

Caiu por terra.

NOSSA SENHORA
Vai-te espírito infernal
Cumpre as ordens que te dou
Esta alma não e tua
Que ainda não renegou.

De seu tão grande pecado
Ele já está arrependido
Mil vezes tem pedido perdão
E já o tem conseguido.

A meu filho tem rezado o credo
E a mim me tem rezado a Ave-Maria
São estas as armas principais
Que para os cristãos tem mais valia.

É por isso que esta alma
De tuas mãos venho resgatar
Portanto vai-te embora
Ou aqui te torno a pisar.

Vai-se Nossa Senhora.

LUSBEL
Desde que fui expulso do céu
Guerra alguma me atormentou
Tanto como esta mulher
Quando a seus pés me calçou.

Têm mais força os seus soldados
Armados só com uma Ave-maria
Que tem o inferno junto
E neste mundo a artilharia.

Devia ir fazer uma visita
Ao meu amigo Natão
Mas *ficará-lhe* de reserva
Para outra ocasião.

Vai-se.

ALBANO

Quem seria esta mulher
Que me veio defender
Das garras do berzebú
Sem de mim se deixar ver.

Sem dúvida era nossa senhora
Ou alguém por ela mandadoa
E eu não a pude ver ainda
Por a minha alma estar manchada.

Homens e mulheres do mundo
Tende de mim compaixão
Pelo cego pecado da luxúria
Eu fui falso a meu irmão.

Lodónio depois de a Imperatriz fazer a cura diz maravilhado:

LODÓNIO
Estou deveras impressionado
Com o que acabo de presenciar
Ser num momento curado
Estando prestes a expirar.

Agora vamos ao palácio
Descansar por algum tempo
Contar-me-eis Senhora se quereis
Quem vos deu tão grande merecimento.

Albano fala. Finalmente voltam a sair todos e diz Lodónio:

Esta casa que acabais de ver
Foi outrora um ninho de embalar
Era tanta a alegria como podia ser
Tanto como de hoje é meu penar.

Mas pouco tempo passou sem haver
O terno da paz e amargura começar
Amargura que de *ora a ora*²⁹ aumenta
Em cada dia que o sol apresenta.

Eu tive a pecaminosa ideia
De minha esposa mandar matar
A *usança* mais crua e feia
Que até aqui se pode imaginar

Iludido por aquele infame que agora vagueia
Quando há pouco sem esperança de curar
Acabo por ver finalmente
Minha esposa condenada *enocente*.

Vós ó Senhora que gozais
Da virtude que Deus vos concedeu
Assim como meu irmão curais

²⁹ Por “hora”.

Da doença que tanto sofreu
Assim a mim a morte me dai
Por ser este o *dezejo* meu
De ir para junto daquela
Cuja infeliz sorte me fez perdê-la.

A sua meiga voz me chama
Ou o perdão me quer dar
Pois não estará *tranqüila* a minha alma
Enquanto o não alcançar.

Viva neste mundo o terno, a fama
De quem com virtude a pode ganhar
Tomem por lição o meu mau procede
Para mais erros como estes não haver.

IMPERATRIZ

Cessem os vossos prantos meu Senhor
Não dilateis o vosso sofrer
É tempo e *quiz* Deus que o nosso amor
Desde hoje tornasse a reviver.

Tira o véu e continua.

Reparai em mim e vereis
Se vos vem ou não à memória
Pois eu creio que me conhecereis
E o conhecimento vos dará glória.

Ó meu bem *tam* desejado
Minha doce companhia
Não será esta a vossa esposa
Filha do Rei de Hungria.

Lodónio assombrado.

Mas que será isto meu Deus
Será sonho ou visão
Realidade não pode ser
Só se um grande milagre
Aqui Deus quis fazer.

IMPERATRIZ

Pois eu sou aquela que deixastes
Quando fostes à romaria
E em confiança lhe entregastes
Vosso irmão de companhia.

LODÓNIO

Sim, vós sois a minha esposa
Que eu próprio mandei matar
Mas então quem vos deu a vida
E vos trouxe a este lugar?

IMPERATRIZ

Quando na floresta os criados

Vossas ordens foram cumprir
Quiseram antes de me dar a morte
Minha honestidade fruir.

Aos gritos e clamores
Que de socorro eu soltava
Me aparece este Senhor
Das suas garras me libertava.

Lodónio ajoelha-se e diz:

Perdoa linda Porcina
Minha tão grande crueldade
E deixa que em ti receba
A minha felicidade.

Ajoelha-se o conde e a condessa:

CONDE

Aqui de joelhos senhora
Eu vos peço meu perdão
Por inocente vos desterrar
Com tanta ingratidão.

Não soube o mal que fiz
Porque enganado vivia
Em vos mandar desterrar
Para a ilha de Calabria.

SOFIA

Perdoai-nos nobre Senhora
Nosso mal procedimento
Agora conhecemos os Vossos méritos
O vosso *suberano* merecimento.

IMPERATRIZ

De tudo estão perdoados
Senhor conde e D. Sofia
Como não *eide* perdoar
A quem a vida só devia?

Quando na deserta montanha
Aqueles malvados queriam abusar
Antes de dar a morte
A minha honra queriam pisar
E vós Senhor conde
Das suas garras me viestes resgatar.

Não sei como vos pagarei
O bem que me fizestes um dia
Deus Nosso Senhor será *com vosco*
E a Virgem Santa Maria.

D. ALBERTO

Perdoai-nos também a nós
Nosso rude *aculhimento*
Vós nos servistes como escrava

Também servidos tanto tempo.

IMPERATRIZ

Todos estais perdoados
Vós não tendes que me pedir
Muito grata a todos
No que vos puder servir.

IMPERADOR

Grandes cortejos faremos
Deslumbrantes *prossições* também *averá*
Anestias aos *prezos* daremos
E aos pobres socorros se prestará.

Nunca ameis com luxúria
Nem caem em tal pecado
Para não caíreis na minha desgraça
De tal pecado ser manchado.

Vai-se. Música.

Sai (a) imperatriz e o imperador.

IMPERADOR

Seremos felizes e contentes
Amando-nos de todo o coração
Teremos por nossa advogada
A virgem da Conceição.

Ai Senhora o que daria
Para vos ver junto a mim!
Eu tinha andado para achar-vos
Todos *êsse* mar sem fim.

Eu fui um cruel selvagem
Em vos mandar matar
Só agora conheço o mal que fiz
Mas haveis de me perdoar.

Viveremos sempre muito contentes
Em bela paz e harmonia
Seremos sempre muito devotos
Da virgem Santa Maria.

FIM.